

ALBERTINA CONCEIÇÃO COSTA BOTELHO

**INCIDÊNCIA DE CLICHÊS COMO CRITÉRIO SUBJACENTE
NA AVALIAÇÃO DE TEXTOS DE VESTIBULAR**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem como requisito
parcial à obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Linguagem

Universidade do Sul de Santa Catarina

Orientador: Prof. Dr. Fábio José Rauen

TUBARÃO, 2003

ALBERTINA CONCEIÇÃO COSTA BOTELHO

**INCIDÊNCIA DE CLICHÊS COMO CRITÉRIO SUBJACENTE
NA AVALIAÇÃO DE TEXTOS DE VESTIBULAR**

Esta dissertação foi julgada adequada à obtenção do grau de Mestre em Ciências da Linguagem e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina.

Tubarão – SC, 19 de dezembro de 2003.

Prof. Dr. Fábio José Rauen
Universidade do Sul de Santa Catarina

Profa. Dra. Albertina Felisbino
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Dra. Maria Marta Furlanetto
Universidade do Sul de Santa Catarina

DEDICATÓRIA

Para Carlos Alberto, Carlos Alberto Jr. e Vitor que se privando da minha convivência em determinados momentos, permitiram que esta pesquisa acontecesse.

AGRADECIMENTOS

*Primeiramente, a Deus por me dar força e perseverança;
Ao meu pai Pedro Antonio Costa (in memoriam), para quem sempre fui motivo de orgulho;
A minha mãe, Juraci, pela força espiritual que me deu para eu continuar a minha pesquisa;
Ao meu esposo, Carlos Alberto, pelo seu carinho e dedicação e testemunha das minhas lágrimas;
A professora Dra. Albertina Felisbino pelas orientações de leituras que me motivaram a esta pesquisa;
Ao professor Dr. Fábio José Rauen pelas inúmeras leituras deste trabalho, pela orientação e pela motivação;
A ACAFE pelo apoio e prontidão em sempre me atender;
A todos os meus professores, que colaboraram e estão inscritos nesta pesquisa intertextualmente;
Aos meus colegas, pelo companheirismo e pela amizade.*

RESUMO

Esta dissertação teve como objetivo “verificar a incidência de clichês como critério subjacente na avaliação das produções textuais do *Vestibular unificado ACAFE 2003* da Associação Catarinense das Fundações Educacionais – ACAFE”. O *corpus* de análise consistiu de 38 redações, de um lote de 100 redações, divididas em dois grupos, conforme a nota se conformasse entre 1 δ e 2 δ abaixo e acima da média do desempenho. O tema da redação consistiu nos critérios de um capitão – nesse caso o redator – para salvar sete entre onze passageiros de um navio em naufrágio. Nas redações acima da média, foram detectados 148 clichês, numa média de 2,6 clichês para cada grupo de 100 palavras. Nas redações abaixo da média foram detectados 103 clichês e uma média de 3,1 clichês para cada grupo de 100 palavras. A média de clichês foi de 7,78 nas redações acima, contra 5,15 nas redações abaixo. Houve 43,6% a mais de clichês nas redações pontuadas acima da média; todavia, o desempenho relativo 0,866:1 foi inexpressivo. Portanto, os resultados quantitativos revelaram que no lote escolhido aleatoriamente pela Comissão de Vestibular, a incidência de clichês não foi critério subjacente para qualificação das dissertações no grupo entre +1 δ e + 2 δ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe. Do ponto de vista qualitativo, devido as características do tema, dado que o estudante estava diante de arquétipos de personagens, e as condições de produção do texto reforçaram a presença de estereotípias com argumentos para salvar/não salvar cada um dos personagens.

Palavras-chave: redações, vestibular, clichês, avaliação.

ABSTRACT

The objective of this master's work is the verification of the cliché incidence as subjacent criteria in the textual production evaluation in the Vestibular Unificado ACAFE 2003 from the Associação Catarinense das Fundações Educacionais – ACAFE. The analysis is based on 38 essays from a lot of 100 essays divided in two groups according to the essay scores amongst 1 δ and 2 δ from the high and low performances average. The essay theme is based on the criteria of a captain – in this case the speaker – to save seven among eleven passengers of a ship in a shipwreck. On the high average essays 148 clichés were detected in a 2.6 clichés average from each 100 words group. On the low average essays 103 clichés were detected in a 3.1 clichés average from each 100 words group. The cliché average was 7.78 in the high average essays and 5.15 in the low average essays. There was 43.6% more clichés in the high average scored essays. However, the 0.866:1 comparative performance rate was unexpressive. For this reason the quantitative results attested that in the lot randomly chosen by the entrance examination committee the cliché incidence was not a subjacent criteria to the essay qualifications in the +1 δ e + 2 δ Acafe Summer 2003 College Entrance Examination general score average group. From a qualitative point of view, the characteristics of the subject, the characters were archtypes of characters, and the conditions of production of the text had strengthened the presence of stereotypes as arguments to save or not to save each one of the characters.

Key words: essay, entrance examination, cliché, evaluation.

SUMÁRIO

LISTAS.....	8
1 INTRODUÇÃO.....	9
2 REVISÃO TEÓRICA.....	13
2.1 DESEMPENHO EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR.....	13
2.2 A REDAÇÃO NO VESTIBULAR.....	16
2.3 CLICHÊS, ESTEREÓTIPOS, LUGARES-COMUNS.....	18
2.4 SUJEITO E AMBIENTE DISCURSIVO.....	26
2.5 SENTIDO NA ANÁLISE DO DISCURSO.....	27
2.6 SUJEITO E DISCURSOS ESCOLARES.....	29
2.7 INTERPRETAÇÃO NA ANÁLISE DO DISCURSO.....	31
2.8 APRENDIZADO DO DISCURSO/TEXTO.....	33
2.9 SUJEITO E LEITURA.....	34
2.10 RELAÇÃO TEXTO/DISCURSO.....	35
2.11 CONTEXTO, FORMAÇÃO DISCURSIVA E ESCOLA.....	35
2.12 DISCURSO E INTERTEXTUALIDADE.....	37
2.13 MEMÓRIA DISCURSIVA.....	39
3 ANÁLISE DOS DADOS.....	41
3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	41
3.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS.....	44
3.3 ANÁLISE DO TEMA DA REDAÇÃO.....	47
3.4 ANÁLISE DAS REDAÇÕES.....	48
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	66
ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DAS REDAÇÕES.....	69

LISTAS

Tabela 1 – Frequência de palavras, clichês e percentual da frequência de clichês em função da frequência de palavras em redações compreendidas entre -1 δ e -2 δ e entre +1 δ e +2 δ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe:.....	44
Tabela 2 – Desempenho médio da frequência de palavras, clichês e percentual da frequência de clichês em função da frequência de palavras em redações compreendidas entre -1 δ e -2 δ e entre +1 δ e +2 δ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe: .	45
Tabela 3 – Razão de desempenho da frequência de palavras, clichês e percentual da frequência de clichês em função da frequência de palavras em redações compreendidas entre -1 δ e -2 δ e entre +1 δ e +2 δ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe:.....	46
Tabela 4 – Frequência e percentual de salvamento dos personagens apresentados no tema do Vestibular de Verão 2003 da ACAFE:.....	59

1 INTRODUÇÃO

A forma como se trabalha a Língua Portuguesa nos ensinos fundamental e médio é alvo de muitas críticas, dado que se percebe que esse trabalho continua centrado na gramática normativa e distanciado das reais necessidades dos alunos. Os professores fornecem conceitos, regras ou exemplos nem sempre questionados – quando não questionáveis, nem sempre contextualizados e nem sempre úteis para a formação do aluno.

Essa falta de vínculo leva o aluno a não compreender o porquê do ensino de português em sua trajetória escolar. Como efeito, eles acabam por acreditar que não sabem português – o que é contraditório, uma vez que eles são falantes nativos. Como a escola é incapaz de diferenciar o domínio da língua do domínio do padrão culto da língua, prevalecem idéias como: “Português é difícil”, “É uma língua complicada”, “Ninguém consegue aprender”, “Fala-se de um modo e se escreve de outro”, entre outras manifestações similares.

Esse conflito surge com muita evidência no ensino de redação. Escreve-se porque há um propósito comunicativo ou se escreve para ser avaliado em gramática? Embora os alunos saibam a importância de bem redigir e até se esforcem por bem fazê-lo, em geral, costumam dizer, depois de anos de instrução escolar, que não sabem redigir. A redação, como diz Serafini (1992, p. 19), ainda é um “objeto misterioso”.

A sociedade, contudo, avalia o desempenho das pessoas por mecanismos de redação, tais como os encontrados, em geral, nos concursos públicos e, em particular, os concursos vestibulares. Surgem, nesse contexto, procedimentos de compensação ou de atalho. Já que não se consegue redigir proficientemente, “treina-se” o estudante para vencer as demandas dos concursos. Surge o que se poderia chamar de gênero “redação para vestibular”.

Para evitar problemas ao redigir, alguns alunos recorrem a livros, internet e cursinhos pré-vestibulares para aprenderem como desenvolver um tema, especialmente antes do vestibular. Através desses recursos, eles buscam modelos de redação na esperança de encontrar uma produção textual parecida com aquela que será solicitada no vestibular. Entre os muitos “macetes” para vencer essas demandas, estão os esquemas textuais, as dicas de apresentação e de encerramento, esquemas para distribuição de parágrafos, as frases prontas. Uma verdadeira indústria textual. Nesse contexto, interessa-me a presença de expressões estereotipadas, os clichês,¹ e o efeito delas na avaliação da redação do candidato a uma vaga universitária.

Sabe-se que quesitos como a fidelidade ao tema, capacidade de desenvolvê-lo adequadamente e o discernimento entre o que é principal e secundário na argumentação têm sido valorizados entre os avaliadores dos vestibulares. Os problemas que surgem na redação do vestibular, na sua maioria, referem-se ao conteúdo do texto. Se isso é verdade, a repetição de frases feitas, o uso e abuso de clichês, portanto de expressões que não acrescentam informação nova ou paráfrase mais criativa, leva a uma depreciação da redação e a uma diminuição da nota?

¹ Furlanetto (2003) questiona se a própria estrutura que os alunos devem preencher para elaborar uma redação para vestibular não seria um clichê. A autora completa: “Qual professor que ‘corrige’ ‘redação’ de vestibular conseguiria ser original? Só por ‘azar’ (fr. *Hasard*, acaso)”.

Rocco (1981, p. 67) diz que talvez o clichê se ligue a “uma forma de percepção uniforme da realidade, ou então, tais estereótipos, provavelmente nem mesmo representam uma apreensão direta desse mundo, dessa realidade, pelo sujeito. Talvez, representem apenas a pura e simples redundância da expressão de coisas aprendidas e não aprendidas”. Logo, a presença de clichês torna o texto não original, por vezes inexpressivo e carregado de redundâncias.

Furlanetto (2003, p. 1), entretanto, pondera que se há uma percepção uniforme da realidade, tal percepção seria “resultado da aprendizagem da língua em contexto cultural específico”. A autora complementa:

neste contexto a língua aparece como instrumento mediador, através de material discursivo: não se vai direto à realidade, e a maior parte do que conhecemos dela nos veio e vem através de alguma língua associada com linguagem não-verbal (por exemplo: informação pela mídia); todo o material de linguagem tem dimensão ideológica, e uma função da ideologia é homogeneizar e tornar tudo aparentemente claro e coerente. É mais fácil andar num caminho batido e aparentemente seguro que aventurar-se pelas trilhas da originalidade.

Na redação do Vestibular 2003 da ACAFE, conforme consta no *Manual do candidato*, o aluno deverá ser capaz de:

“demonstrar domínio da norma culta da língua escrita;

compreender a proposta de redação e aplicar conceitos das várias áreas de conhecimento para desenvolver o tema dentro dos limites estruturais do texto;

selecionar, relacionar, organizar e interpretar informações, fatos, opiniões e argumentos em defesa de um ponto de vista;

demonstrar conhecimento dos mecanismos lingüísticos necessários para a construção da argumentação;

elaborar proposta de solução para o problema abordado, mostrando respeito a valores humanos e considerando a diversidade sócio-cultural” (ACAFE, 2002, p. 39).

Observe-se que esses domínios, em especial o de “demonstrar conhecimento dos mecanismos lingüísticos necessários para a construção da argumentação”, vão muito além do que produzir um texto estereotipado, com base em “macetes”. Se esses objetivos são

rigorosamente contemplados na correção, então é de se supor que problemas como os de clichês sejam objeto de criteriosa observação e motivadores de uma avaliação negativa do candidato.²

Em função do exposto, objetivo, neste trabalho, “verificar a incidência de clichês como critério subjacente na avaliação das produções textuais do *Vestibular unificado ACAFE 2003* da Associação Catarinense das Fundações Educacionais – ACAFE”.³

Para isso, analisei a presença de expressões estereotipadas em trinta e oito redações, obtidas de um lote aleatório de cem redações. Essas redações ficaram compreendidas no intervalo entre -1δ e -2δ e cinquenta compreendidas entre $+1\delta$ e $+2\delta$ da média do desempenho dos candidatos no referido vestibular.

Esta dissertação relata a análise desse *corpus* e foi dividida em quatro capítulos, incluindo-se o da introdução. No capítulo dois, faço uma revisão teórica sobre os clichês, no âmbito da lingüística textual e da análise do discurso de linha francesa, bem como sobre a redação de vestibular. No capítulo seguinte, apresento os procedimentos de coleta e de análise dos dados, bem como a análise quantitativa e qualitativa. Mais adiante, no capítulo quatro, apresento as considerações finais.

² De um modo geral, professores do ensino médio, preocupam-se muito, ao ensinar a produção textual, com a sua estrutura formal (introdução, desenvolvimento, conclusão) do que levarem o aluno a fazer uso da sua argumentação. Devido a essa falta de estímulo o educando ao construir o seu texto escrevem concepções de senso comum. Outra fonte para a presença do senso comum reporta-se ao limite de linhas permitido pelo concurso vestibular. Tais “*limites*” dificultam a tarefa do candidato, ao não propiciar que eles possam aprofundar seus argumentos.

³ ACAFE – Associação Catarinense das Fundações Educacionais entidade sem fins lucrativos, com a missão de promover a integração dos esforços de consolidações das instituições de ensino superior por elas mantidas, de executar atividades de suporte-teórico técnico operacional e de representá-las junto aos órgãos do Governo Estadual e Federal. Fazem parte desde grupo FURB, UNIVALI, UNISUL, UNOESC, UNC, UNIVALLE, UNESC, UNIPLAC, UNIDAVI, UNERJ, FEBE, UDESC, FEBAVE, UNOCHAPECÓ.

2 REVISÃO TEÓRICA

2.1 DESEMPENHO EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR

O ensino de redação tem sofrido críticas fundamentadas nas redações que os candidatos têm produzido em exames vestibulares. Barros (1985, p. 64), por exemplo, constatou que cerca de 65% dos vestibulandos contavam a mesma história, a partir de um tema sugerido, demonstrando as dificuldades que o jovem tem de se apropriar da linguagem e utilizá-la em sua própria expressão individual.

Rezende (1998, p. 74) verificou o grau de adequação das redações de vestibular ao ensino médio e concluiu que existiam vestibulandos que conseguiram fazer boas redações, a despeito de a escola não trabalhar bem a produção/reconhecimento de textos, e que o relativo sucesso desses estudantes devia-se a fatores extra-escolares. Entretanto, constatou que existiam várias provas com o espaço da redação em branco ou com apenas duas linhas preenchidas.

Durigan et alii (1987, p. 25) concluíram que os vestibulandos não se posicionavam em seus textos, evitavam ser sujeitos do seu discurso. Para eles, os candidatos

lançavam mão de uma linguagem artificial e inapropriada, reproduziam discursos do senso comum e não conseguiam trabalhar “satisfatoriamente com as relações entre forma e significado”.⁴

Já em 1985, o Relatório Final da Comissão para Elaboração de Diretrizes Relativas ao Ensino de Língua Portuguesa, do Ministério da Educação e Cultura, mostrava que a incapacidade de usar adequadamente a língua oral e a escrita não se revelava apenas em trabalhos escolares de estudantes, mas em escritos de profissionais de todas as idades, bem como em jornais, revistas, programas de televisão e até na elaboração de leis, decretos e atos administrativos dos poderes da República.

Quais seriam os motivos para essas críticas? Conforme Pernambuco, os professores ensinam a codificação da gramática em lugar de analisar com os alunos os fatos da língua.

Se adentrarmos a sala de aula, vamos constatar que, no ensino de português como língua materna, as práticas pedagógicas de leitura, interpretação de texto e gramática estão presentes. São atividades que não têm um direcionamento único, qual seja o de conduzir o aluno para a apropriação da língua como forma de ação e de interação (1999, p. 73).

Existe, neste caso, o perigo de, por falta de uma concepção e de uma prática pedagógica apropriada em sala de aula, o professor não conseguir alcançar suas metas. Na produção de texto, caso o professor encare este exercício tão somente como uma oportunidade de verificação de acertos e erros morfossintáticos, como se fosse um “ajuste de contas” para efeitos de atribuição de notas ou conceitos exigidos pela burocracia escolar, estará fazendo a

⁴ Durigan et alii (1987), ao afirmar que os vestibulandos não se posicionam nos textos, que evitam ‘ser sujeitos’ de seu discurso, utilizam-se, conforme Furlanetto (2003, p. 1), de um clichê. Para ela, isso pode provocar uma imagem conflituosa, sobretudo para quem estuda o discurso: “ser sujeito aí seria mostrar-se como eu? E se dissermos que não posicionar-se é justamente criar-se a oposição: *ser sujeito de/ser sujeito a*”. Acompanhando o raciocínio da autora, resta saber a que vestibulandos se refere a crítica dos autores. Supostamente são aqueles anteriores às transformações do vestibular da Unicamp, uma vez que o tema da obra é *A ‘magia’ da mudança do vestibular* daquela Universidade.

função de censor, em vez de fornecer a esta atividade um caráter de exercício de expansão da capacidade de expressão dos alunos. Trata-se de ações sem sentido se divorciadas de uma atenção ao conteúdo das produções. O exercício escolar para o domínio da linguagem escrita deve aprimorar a expressão do aluno para a sua maior capacidade de ação como um ser social.

A pressuposição de que o domínio da gramática implica o domínio da escrita é falsa. Existem alunos que memorizam regras gramaticais com facilidade e têm dificuldades em produzir um texto. Por outro lado, há aqueles que nada aprendem da nomenclatura gramatical, mas manejam bem a língua escrita. Esses dominam de fato a língua, porque aprenderam a usá-la em diferentes contextos sociais e em diferentes situações, sem dependerem da escola para o desenvolvimento de seus recursos expressivos.

Conforme Pernambuco, para escrever bem

não basta ter uma boa idéia, não basta ter lido um outro livro, não é suficiente ter memorizado regras gramaticais; é preciso ter o que dizer, tomar posicionamento diante do que quer dizer e se colocar diante da língua, enfrentar a complexidade do código lingüístico (1999, p. 76).

Para Pernambuco, a leitura feita em busca do sentido do texto pode dar ao leitor uma visão mais ampla da vida e do mundo e pode aumentar a capacidade de fantasiar, mas dificilmente o levará a aprender a escrever textos. O leitor tem que ter a preocupação de buscar o plano de composição do texto, de observar o uso que se faz das estruturas verbais, pois são elas que dão ao texto a sua organização sintática e semântica.

O que forma um texto é a existência de uma relação entre os seus elementos, nas frases, parágrafos e idéias principais referentes ao assunto e contexto do qual se escreve. É desta forma que a redação precisa ser trabalhada no ambiente escolar: não como um amontoado de frases e de parágrafos que se sucedem, mas sim como uma unidade de sentido que só é conseguida por uma estruturação de frases coerentes e coesas relacionadas entre si, constituindo, assim, uma organização global.

2.2 A REDAÇÃO NO VESTIBULAR

Por que a redação é o grande dilema no vestibular? Redigir bem para muitos é sinônimo de estar bem informado. O gênero de redação que mais aflige os candidatos ao vestibular é a dissertação. Dissertar é ato de discorrer sobre determinado assunto, buscando sempre argumentações que levam a alguma conclusão. É, certamente, o gênero escolar mais pedido pelos principais vestibulares do País.⁵

Porém, o problema do uso inadequado e deficiente da língua materna é muito mais complexo e muito amplo, e não deve ser atribuído somente ao mau desempenho no ensino da língua: ultrapassa o âmbito da própria escola ou da educação sistematizada.

A influência dos meios de comunicação, em que o visual suplanta o verbal, em que o icônico se associa à palavra, tentando cada vez mais superá-la, deve ser levada em conta. E na escola percebe-se, através da escrita do aluno, que a linguagem dos meios de comunicação de massa mostra-se muito presente.

Por outro lado, a heterogeneidade lingüística é geralmente ignorada pela escola, a qual se nega a reconhecer a existência de uma distância entre o padrão lingüístico que usa, que ensina e que exige, e os padrões lingüísticos de estudantes de meios sócio-econômicos diferentes. Dessa heterogeneidade resultam, em grande parte, o mau desempenho escolar e, particularmente, o desempenho ruim na redação.

⁵ Do ponto de vista acadêmico, dissertação é um estudo teórico de natureza reflexiva, que consiste na ordenação de idéias sobre um determinado tema. A característica básica da dissertação é o cunho reflexivo-teórico. Geralmente é feita no final de curso de pós-graduação, *stricto sensu* em nível de mestrado, com a finalidade de treinar os estudantes no domínio do assunto abordado e como forma de iniciação à pesquisa mais ampla. (cf. RAUEN, 2002, p. 239). A dissertação escolar, aquela que interessa a esse trabalho, segundo Ernani e Nicola (1996, p. 162) é um texto que se caracteriza pela defesa de uma idéia, de um ponto de vista; ou, então, pelo questionamento acerca de um determinado assunto. Platão & Fiorin (1996, p. 253) relatam que o texto dissertativo escolar é temático, pois ele explica, analisa, classifica, avalia os seres concretos e é por isso que a sua referência ao mundo se faz por conceitos amplos, modelos genéricos, muitas vezes abstraídos do tempo e espaço.

Pereira (1991, p. 4), presume que “a inclusão da prova de redação no vestibular, sem um preparo suficiente nos níveis elementares, está sujeita a reforçar apenas as desigualdades entre as classes sociais, favorecendo as classes privilegiadas, cujo domínio de língua está muito próximo ao padrão exigido na escola”.

No ensino de língua portuguesa em nível de escolarização básica, têm surgido dúvidas ao se observar que os professores de ensino fundamental e médio reagem de forma equivocada à implementação da redação no vestibular. Segundo alguns depoimentos, as atitudes se deram não quanto à metodologia do ensino da língua, mas quanto a de encontrar meios eficientes de instrumentar seus alunos para ganhar a luta contra “mais essa cabeça acrescida ao dragão do vestibular”.

Percebe-se, pois, que a utilidade da prova de redação como instrumento de medida do conhecimento adquirido no ensino básico e das habilidades de expressão escrita, necessários para o ingresso na universidade, não é admitida tranquilamente por todos os estudiosos.

No entanto, outros têm testemunhado a vantagem que tem a redação no vestibular, seja como instrumento de medida complementar, seja com relação ao sistema educacional do ensino básico como um estímulo para o exercício da redação. Pesquisadores dizem que a redação do vestibular é vista como um exercício ideal para a avaliação das habilidades gerais esperadas do aluno ideal para a universidade.

Atenta a isso, concordo com a idéia de que a crise aparente de linguagem, de nossos dias, tem causas estruturais muito mais profundas. Ela envolve toda concepção de ensino e de escola, relacionando-se à própria constituição da sociedade de classes em que vivemos.

Na prova de redação do vestibular, é imposto ao candidato um tema pré-escolhido, que o levará a escrever uma dissertação, de natureza argumentativa ou narrativa. A redação do vestibular tem como objetivo avaliar como o candidato se comporta diante de uma situação-problema e de verificar a sua capacidade na produção de texto, incorporando os elementos oferecidos que lhe parecem mais relevantes. Ao lado desse objetivo, também se avalia o seu conhecimento da língua escrita culta, bem como a clareza de expressão.⁶

2.3 CLICHÊS, ESTEREÓTIPOS, LUGARES-COMUNS

A palavra ‘clichê’ origina-se da fotografação equivalendo à “placa fotomecanicamente gravada em relevo sobre metal, usualmente zinco, a traço ou a meio-tom, para impressão de imagens e textos por meio de prensa tipográfica” (FERREIRA, 1986, p. 417). Por extensão, refere-se ao texto ou à imagem assim impressos.

Interessante ressaltar que ‘estereótipo’ tem a mesma origem. Para o dicionário Michaelis (1998, p. 516), o termo provém da tipografia. Trata-se da “duplicata sólida metálica de uma superfície de impressão em relevo, que é produzida comprimindo-se um material de moldagem como polpa úmida de papel ou gesso de prensa, contra essa superfície para formar uma matriz na qual depois se deita metaltipo fundido, produzindo-se assim uma peça fundida, que, às vezes, é revestida com um metal mais duro, como níquel ou cobre, para aumentar a durabilidade” (p. 893).⁷ Dessa acepção deriva-se chapa estereotipada ou clichê estereotipado.

⁶ De um modo geral, as redações do vestibular são corrigidas por dois avaliadores, como é o caso das redações que compõem o *corpus* da pesquisa. Contudo, segundo Felisbino (2003, p. 1), uma redação em particular pode ser corrigida até por quatro avaliadores, se for o caso. De qualquer modo, devido à subjetividade dos avaliadores, trata-se de um sistema de avaliação sempre sujeito a fragilidades enquanto instrumento de seleção.

⁷ Do ponto de vista da sociologia, equivale à “imagem mental padronizada tida coletivamente por um grupo, refletindo uma opinião demasiadamente simplificada, atitude afetiva ou juízo incriterioso a respeito de uma situação, acontecimento, pessoa, raça, classe ou grupo social”.

Na acepção que me interessa aqui, clichê, conforme Michaelis (1998, p. 516), é “o mesmo que chavão e lugar-comum”. Para o mesmo dicionário, chavão é “palavra ou construção a que se recorre para maior expressividade, mas que já não tem esse efeito em virtude do seu abuso” (p. 482). Trata-se da sentença ou provérbio muito batido pelo uso, conforme Ferreira (1986, p. 393). Por fim, lugar-comum é a fonte de onde se podem tirar argumentos, provas, etc., para quaisquer assuntos. Por extensão, trata-se da “fórmula, argumento ou idéia já muito conhecida e repisada”, ou mesmo, “coisa trivial ou trivialidade”.⁸

Reboul (1975, p. 52-53) diz que o clichê é uma expressão acabada, a ponto de ser irritante ou ridícula, dada sua repetição. Para o autor, o clichê é ridículo em si mesmo; é, com efeito, uma expressão estilizada. Sabe-se que o estilo é essencialmente a marca pessoal do homem na sua obra. Logo, estamos aqui diante do efeito estilo. Onde se espera o homem, descobre-se não haver ninguém. A fórmula existia o tempo todo e inteiramente pronta. É o desajuste entre a pretensão ao estilo e a ausência de estilista que o torna ridícula. O clichê é o estilo sem o homem.

Segundo Reboul, se o clichê é difundido é porque corresponde a uma necessidade. O clichê desempenha um papel identificador e social. Para ele, o clichê é uma arma verbal puramente defensiva. Ele é usado para salvar a aparência em caso de crise. Ele é o pára-vento verbal da força. Nos confrontos ideológicos ele é uma arma complementar indispensável. O clichê é o *prêt-à-porter* em questão de linguagem.

O estudo sobre clichês pode ser feito, entre outros, sob dois pontos de vista: o da Lingüística Textual e o da Análise do Discurso. Segundo Conde (2000), na Lingüística Textual, os clichês ou estereótipos lingüísticos são compreendidos como processo argumentativo, baseado em pistas textuais. Para o mesmo autor, sob a visão da Análise do

⁸ Nesse sentido, pode-se ainda usar a expressão chapa.

Discurso, os clichês ou estereótipos são a cristalização da prática e tem uma contrapartida social e ideológica. Trata-se do imaginário social ou formações imaginárias.

Sabe-se que toda sociedade necessita de um mecanismo comunicativo e um código para pôr em funcionamento esse sistema. Entretanto, esse aparato traz em seu bojo toda uma carga social, contextual e ideológica, não sendo um simples meio de transmissão do pensamento de um indivíduo a outro, mas sim um mecanismo de transformação e de constituição de sentidos.

Conde (2000) diz que a argumentação, no momento de enunciação, passa a promover entre os participantes do processo enunciativo uma “cena” em que os “atores” (enunciadores) dispõem de determinados papéis e suas afinidades. Assim, segundo ele, caracterizam-se os papéis de enunciador e o enunciativo. A escrita do texto argumentativo não é tarefa simples, uma vez que este tem de ser rico em idéias, coerente e original.

Resta saber se, para ter esses requisitos, o escritor tem de redigir algo desprovido de fórmulas de superfície, ou seja, de clichês, haja vista que esse artifício “empobrece as idéias”. Conforme Furlanetto (2003, p. 2), muitas expressões são excessivamente repetidas. Todavia, há de se considerar que “a base de nossa discursividade é o que se cristalizou (interdiscurso, memória discursiva, arquivo...)”. Complementa a autora: “Além disso, usar um chavão pode representar uma estratégia específica – para ironizar, por exemplo (a voz do outro)”.

Sabemos que a nossa língua escrita não é só feita de clichês, mas também, se dissermos isso estamos cometendo um grande erro. Assim, o que nos restringe a noção de clichê que se observa nos textos é a noção de *episódios* na conceituação de van Dijk (1992). Van Dijk tem como princípio uma análise abstrata do que seria o episódio, tratando-o como

unidade de proposições que têm coerência no discurso,⁹ lingüisticamente marcado, em que há um começo e um fim. Há neste conceito uma noção de “unidade temática”.

Para Van Dijk (1992, p.102), o episódio deve ser de algum modo unificado: ter começo, meio e fim e possuir certa independência relativa, podendo ser identificado e distinguido de outros episódios. E essa unidade temática é uma consequência de proposições de um discurso que podem ser subsumidas por uma macroproposição.¹⁰

Essas proposições aparecem marcadas superficialmente, nos textos dissertativos escolares, canonicamente pelo primeiro parágrafo. Isso porque um episódio é propriamente uma unidade semântica, enquanto um parágrafo é a manifestação superficial ou expressão de tal episódio” (*idem*, p. 100).

A noção que norteia o processo discursivo na Análise do Discurso é a ideologia. A concepção althusseriana postula o indivíduo interpelado pelas instituições (igreja, família, partido político, estado) para se constituir como “sujeito” que ocupa um lugar na sociedade. Ao ocupar este lugar, também ocupa um discurso, que não é especificamente dele, nem do outro, mas sim de vários sujeitos que formam uma espécie de “rede” ou “tecido social”, isto é, várias vozes, várias opiniões. Tendo essas várias vozes e várias opiniões, seu texto tende a ter marcações, índices das opiniões desse sujeito.

Conde (2000) relata que a ideologia se reflete no sujeito em suas práticas, corriqueiras ou não. No tocante à língua, essas práticas são ao mesmo tempo mais complexas, mais enviesadas, dado o caráter opaco da linguagem em sua constituição. Dentro da rede de

⁹ Discurso, para van Dijk, não é sinônimo de texto, e não devemos confundi-lo com a noção de discurso da Análise do Discurso.

¹⁰ Macroproposição é a regra semântica que permite a derivação de uma macroestrutura de um texto (Van Dijk, 1992).

relações existentes em sociedade, a palavra aparece como “arena” onde o signo lingüístico vai atuar e por conta desse movimento dialético

a palavra é o signo ideológico; ela registra as menores variações sociais, mas isso não vale somente para sistema ideológicos constituídos, já que a “ideologia do cotidiano”, que se exprime na vida corrente, é o cadinho onde se formam e se renovam as ideologias constituídas (BAKTHIN, 1997, p. 16).

Orlandi (2002, p. 25) diz que a AD é uma disciplina de entremeio onde há uma relação complexa língua/discurso que não se atinge apenas pelo acréscimo de componentes. Segundo Orlandi, é necessário mudar-se de terreno, re-definir-se, sem esquecer que discurso não é um mero substituto da fala.

Segundo Orlandi, a AD se constitui na conjuntura intelectual do estruturalismo do final dos anos 60, em que a grande questão é a relação da estrutura com a história, do indivíduo com o sujeito, da língua com a fala. Essa passagem é que coloca em questão as noções de sujeito, de indivíduo, de língua, de fala, de história então vigentes, assim como as dicotomias estabelecidas. Segundo Orlandi, a análise de discurso proposta por Pêcheux leva isso em conta e propõe a noção de discurso como possibilidade de mudar de terreno sem deixar de, ou justamente para poder considerar estas questões. Conforme Orlandi, Pêcheux adentra assim na região do que virá a ser chamado de pós-estruturalismo, levando em conta Saussure e o materialismo, redefinindo-os, no entanto, pela maneira como pensa o “equivoco” que trabalha a ligação língua- exterioridade, pela maneira como articula estrutura e acontecimento, pelo empreendimento teórico que ata língua e ideologia, em suma a discursividade. Por isso é que a análise do discurso desloca-se de sua rede de filiação teórica, articulando língua-sujeito-história. Ela constrói o objeto próprio, o discurso, e um campo teórico específico.

Para Orlandi, ao dicotomizar língua e fala, Saussure autorizou o reaparecimento triunfal do sujeito falante como “subjetividade em ato”, cheio de intenções que se realizam

pelos meios lingüísticos disponíveis. Para Pêcheux, esse modo de compreender a língua (e a fala) se passa como se a lingüística científica (que tem como objeto a língua) tornasse livre o conceito filosófico de sujeito, pensado como avesso indispensável, o correlato necessário do sistema. A fala, como o uso da língua, surge como “um caminho da liberdade humana: avançar no caminho estranho que conduz dos fonemas ao discurso é passar gradativamente da necessidade do sistema para a contingência da liberdade [...]” (2002, p. 23).

Ora a análise do discurso vai mostrar que não é bem assim. Percebe-se que é necessário mudar o terreno e essa mudança se faz através de um deslocamento da dicotomia proposta língua (social, geral sistemática) fala (individual, singular, assistemática, ocasional) para a relação língua/discurso em que não se dicotomiza, não se iguala o universal com o extra-individual. Segundo Orlandi (2002, p. 23), o domínio discursivo considera que, entre a singularidade individual e a universalidade, é produzido um espaço teórico em que se reconhece o nível de particularidade, o que é próprio (extra-individual mas não universal).

Segundo Orlandi, Pêcheux relata que as relações são mais complexas quando se pensa no discurso (e não a fala). É enquanto discurso que se pode pensar a noção de funcionamento para o texto, referindo-o à sua exterioridade, exterioridade essa relacionada ao lingüístico. Nem, de um lado, só a língua, nem, do outro, só a situação-lá, o fora. E é a isso que, em seus trabalhos, ele se refere como forma material, lingüístico-histórica, fazendo intervir a noção de interdiscurso (como memória, saber discursivo): alguma coisa fala antes, em outro lugar e independentemente.

A materialidade específica do discurso é a língua. A relação língua e discursividade é o objeto de trabalho da análise. Pêcheux entende que a lingüística tem efetivamente a ver com uma materialidade específica de natureza formal. Esta materialidade

resiste do interior às evidências da lógica, seja ela dita “natural” ou “matemática”. Para Pêcheux, segundo Orlandi,

a materialidade da sintaxe é realmente o objeto possível de um cálculo, mas simultaneamente ela escapa na medida em que o deslize, a falha e a ambigüidade são constitutivos da língua e é por aí que a questão do sentido surge do interior da sintaxe (2002, p. 24).

Assim, presumo que este é um ponto marcante da análise do discurso. O analista do discurso, bem como o professor, o próprio aluno, o lingüista, não podem dar-se ao luxo de “abrir mão” do sentido que, por sua vez, não está “separado” da sintaxe.

Sabe-se que a Análise do Discurso “não se apresenta apenas como algo ‘a mais’ do ponto de vista metodológico, mas como uma iniciativa de reflexão que interroga as próprias teorias que constituem as relações contraditórias do campo da sua existência” (ORLANDI, 2002, p. 26).

Pêcheux procura o concurso do conhecimento lingüístico para iniciar, no domínio do conhecimento lingüístico, um novo campo de questões, produzindo um novo objeto em sua relação com a língua. Pêcheux interviu de forma geral no campo da lingüística em torno dos conceitos de Saussure e contra a semântica. Ele comenta o corte epistemológico produzido por este outro criticando seus recobrimentos, avançando contra o estruturalismo generalizado, um método universal da análise geral do espírito humano (ORLANDI, 2002, p. 27).

Daí a necessidade de Pêcheux defender que o sentido, objeto da semântica, excede os limites da lingüística, ciência da língua: relação entre as significações de um texto e as suas condições sócio-históricas, sendo constitutivas das próprias significações em lingüística. Não existe discurso sem sujeito nem sujeito, sem ideologia. A análise do discurso acarreta conseqüências tanto para a teoria como para a prática do saber lingüístico.

Orlandi diz que a AD é uma disciplina de “entremeio”, que se constitui entre disciplinas. Nas palavras de Orlandi,

a língua é a materialidade específica do discurso (é a base dos processos discursivos) e o discurso é a materialidade específica da ideologia. Não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. Se, como tenho afirmado, sujeito e sentido se constituem ao mesmo tempo, não há sentido sem interpretação, pois a língua se inscreve na história para significar [...] apreender a questão da ideologia do sujeito, da interpretação (2002 p. 3)

Não existe sujeito, não há sentido sem uma ideologia que forneça uma interpretação à língua. Para Orlandi, há quem analise o discurso, mas tendo como objeto a língua e não o discurso, ou se visa ao sujeito e não à relação sujeito/sentido.

Os resultados não podem ser assim referidos ao discurso a não ser sob o modo de redução do discurso à língua acrescida de elementos contextuais, incluindo-se aí o sujeito. Não são análises que tomam o discurso como um objeto próprio, no qual se pode observar a ligação da língua com a ideologia” (*idem*, p. 33-34).

Ora, para Orlandi, o sujeito da análise do discurso é um sujeito histórico submetido a uma formação ideológica própria.

Segundo Orlandi,

para as Ciências Humanas e Sociais em geral, o ganho na explicitação das relações entre elas se sustentam sobre a noção de sujeito, de linguagem e de situação. Com a noção de discurso, passam a elaborar essas relações assim como a relação com seus objetos (atravessados pela linguagem) levando em conta a discursividade (a linguagem). Para as ciências sociais, em particular, isso tem como efeito a redefinição do que é político, do que é ideologia, do que é histórico, do que é social, quando se faz intervir a linguagem (como algo que não é transparente) (ORLANDI, 2001, p. 31-32).

Para as teorias lingüísticas “complementares”, Orlandi ressalta a possibilidade de estas refinarem suas concepções de exterioridade (sujeito, situação, contexto, memória) e suas articulações no interior do próprio campo da lingüística.

2.4 SUJEITO E AMBIENTE DISCURSIVO

Brandão apresenta o sujeito como algo essencialmente histórico, afirmando que a “sua fala é um recorte das representações de um tempo histórico e de um espaço social” (1994, p. 41). Dessa forma, com o ser projetado num espaço e num tempo e orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro (Outro), que envolve não só o seu destinatário, para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo).

Com o sujeito colocado na origem do sentido, perde-se a dimensão material e histórica do sentido, instaurando-se no lugar da “materialidade histórica” a “transparência da linguagem”. Ora, sujeito e sentido são, para Pêcheux, vinculados às formações discursivas, que ele explicou como

[...] aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito [...] isso equivale a afirmar que as palavras, expressões, proposições... recebem seu sentido da formação discursiva, na qual são produzidas: [...] diremos que os indivíduos são “interpelados” em sujeito-falantes (em sujeitos de seu discurso) pelas F. Ds. que representam “na linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (1988, p.160-161)

Visando esclarecer o que é a materialidade histórica no bojo de formações ideológicas, Pêcheux criou o conceito do interdiscursivo. Para Gallo, este interdiscursivo possui uma relação direta com o chamado “discurso-transverso” – relação da parte com o todo, da causa com o efeito e do sintoma com o que ele dispõe; formando aí, o “fio do discurso” (1992, p. 23).

O sujeito do discurso é uma forma-sujeito. Althusser (1978, p. 121), que utilizou pela primeira vez este termo, dizia que “todo indivíduo humano, isto é, social, só pode ser

agente de uma prática se revestir da forma de sujeito”. A “forma-sujeito”, de fato, é a forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais.

Pêcheux procurando explicar o processo de formação da forma-sujeito, dispõe que

[...] pode-se bem dizer que o intradiscurso enquanto “fio do discurso” do sujeito é, a rigor, um efeito do interdiscurso sobre si mesmo, uma “interioridade” inteiramente determinada como tal “do exterior”.

[...] diremos que a forma-sujeito (pela qual o “sujeito do discurso” se identifica com a formação discursiva que o constitui) tende a absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso, de modo que o interdiscurso aparece como o puro “já-dito” do intradiscurso [...] (*apud* Gallo, 1992, p. 29).

Orlandi e Guimarães (1986, p. 67) dividem e explicam em três partes as funções do sujeito falante (na própria formação do sujeito):

- a) **locutor** – é aquele que se representa como eu no discurso;
- b) **enunciador** – é a perspectiva que esse (eu) constrói; e,
- c) **autor** – é a função social que esse eu assume enquanto produtor da linguagem. O autor é, dentre as dimensões enunciativas do sujeito, a que está mais determinada pela exterioridade (contexto sócio-histórico) e mais afetada pelas exigências de coerência, não-contradição e responsabilidade.

De acordo com Gallo (1992, p. 24), sintetizando a tese de Pêcheux, “o indivíduo (o não sujeito) é constituído por uma rede de significantes (nomes comuns, nomes próprios, construções sintáticas...) e preso a essa rede”. No entanto, através de um processo de interpelação-identificação os “objetos” dessa rede se desdobram e se manifestam para atuar sobre si (em última instância sobre o indivíduo) como outro de si.

2.5 SENTIDO NA ANÁLISE DO DISCURSO

A análise de discurso dá grande importância ao espaço discursivo criado entre o “eu” e o “tu”. Nas palavras de Brandão (1994, p. 62), “o sujeito só constrói sua identidade na interação com o outro. E o espaço dessa interação é o texto”. E, continuando, Orlandi (*apud* Brandão, 1994, p. 62), afirma que “o domínio de cada um dos interlocutores, em si, é parcial e

só tem a unidade no (e do) texto. Conseqüentemente, a significação se dá no espaço discursivo (intervalo) criado (constituído) pelos/nos dois interlocutores”.

De acordo com Brandão, a afirmação acima enseja dois aspectos de análise, dada a noção de que sentido e sujeito, na acepção de Pêcheux, são constituídos no discurso. Sentido e sujeito formam-se simultaneamente por intermédio da figura da interpelação ideológica.

Para Pêcheux,

o sentido de uma palavra, expressão, proposição não existe em si mesmo (isto é, em sua relação transparente com a literalidade do significante), mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio-histórico em que palavras, expressões, proposições são produzidas (isto é, reproduzidas) (*apud* BRANDÃO p. 62)

Ou, ainda mais,

as palavras, expressões, proposições mudam de sentido segundo posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que significa que elas tomam os seus sentidos em referência a estas posições, isto é, em referência às formações ideológicas [...] nas quais essas posições se inscrevem (*idem*, p. 62).

Há, aqui, a noção de descentramento do sujeito. Ele perde sua centralidade ao passar a integrar o funcionamento dos enunciados. Na análise do discurso, segundo Orlandi (*apud* Brandão, 1994, p. 63), a ideologia (relação com o poder) e inconsciente (relação com o desejo) estão materialmente ligados, agindo na constituição do sujeito e do sentido. O sujeito falante é determinado pelo inconsciente e pela ideologia.

Courtine (*apud* Brandão 1994, p. 65) diz que não existe sujeito do discurso, mas inúmeras posições do sujeito, uma vez que as palavras apenas adquirem sentido inseridas em uma dada formação discursiva.

Pêcheux coloca este assunto nos seguintes termos.

Se uma palavra expressão, proposição podem receber sentidos diferentes [...] conforme refiram a tal ou tal formação discursiva, é porque [...] elas não têm um sentido que lhes seria “próprio” enquanto ligado à sua literalidade, mas seu sentido se constitui em cada formação discursiva, nas relações que entretêm com outras

palavras, expressões proposições da mesma formação discursiva. (*apud* BRANDÃO, 1994, p. 65)

Entende-se sentido, assim, como algo que é produzido historicamente pelo uso e o discurso como o efeito de sentido entre locutores posicionados em diferentes perspectivas. Desta forma, o sujeito perde o seu centro e passa a caracterizar-se pela dispersão.

2.6 SUJEITO E DISCURSOS ESCOLARES

O sujeito sempre estará ligado a uma concepção de ordem individual e, na outra ponta, a própria ideologia. Conforme Maretto, o sujeito “falante não é totalmente livre ao construir seu enunciado nem totalmente dominado por uma norma rígida e imutável” (2000, p. 90).

A construção do sujeito/discurso nos textos escolares é um assunto bastante polêmico, embora pouco explorado. Por detrás, há a inquietante questão: os estudantes são capazes de pensar e agir totalmente livres, como senhores do seu próprio discurso, ou apenas irão reproduzir “discursos” ou “falas” já expostas? Mesmo assim, o homem procura tirar-se de uma atitude de reprodução de modelos para uma atitude de produção de cultura.

Na organização de textos, o indivíduo enxerga o mundo de duas formas distintas: pela forma objetiva e pela forma subjetiva. Bakhtin (1997, p. 72-77), diz que na filosofia da linguagem e nas divisões metodológicas correspondentes da lingüística geral, nos deparamos com a presença de duas orientações principais que consiste em isolar e delimitar a linguagem como objeto de estudo específico. Isso acarreta, então, uma distinção radical entre essas duas orientações, a que ele passou a chamar de “subjetivismo idealista” e de “objetivismo abstrato”.

No subjetivismo idealista o ato da fala, da criação individual, interessa como funcionamento de língua. O psiquismo individual constitui a fonte da língua. As leis da criação lingüística – sendo a língua uma evolução ininterrupta, uma criação contínua. Para Bakhtin, nessa orientação, a língua é análoga às outras manifestações ideológicas, em particular às do domínio da arte e da estética.

No objetivismo abstrato, o centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela o objeto de uma ciência bem definida, situa-se, ao contrário, no sistema lingüístico, a saber o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Enquanto que, no subjetivismo idealista, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, para o objetivismo abstrato a língua é um arco-íris imóvel que domina esse fluxo. Para cada enunciação, cada ato de criação individual é único e não reiterável, mas em cada enunciação são encontrados elementos idênticos aos de outras enunciações - traços fonéticos, gramaticais e lexicais.

Criticado por muitos lingüistas, Pêcheux desenvolveu a idéia do sujeito como um repetidor do discurso dos outros. E em relação a esse fato Possenti (1993, p. 84), não aceitando a noção do sujeito totalmente “assujeitado”, demonstra que empreender uma análise desta natureza conduz a uma seleção de certas espécies de discurso (sobretudo o político) pela facilidade de encontrarem-se aí as marcas de manipulações ideológicas não tão visíveis nos outros discursos. Segundo Possenti, “o locutor constrói seus instrumentos lingüísticos como únicos adequados para seus interesses a cada discurso. Essa atividade de constituição transforma o locutor em sujeito” (1993, p. 53). Trata-se, então, para Possenti, de redesenhar o conceito de ideologia, usando este conceito apropriadamente.

Maretto (2000, p. 96), procurando analisar a interdiscursividade nos discursos dos alunos do ensino médio, observou que os textos eram escritos em primeira pessoa e a autora

relata experiências do enunciador ao se deparar com um lugar desconhecido. Dessa forma é que se identifica o interdiscurso, através de estereótipos. Essa interdiscursividade está intrinsecamente relacionada à memória discursiva.

2.7 INTERPRETAÇÃO NA ANÁLISE DO DISCURSO

A noção de interpretação na AD se faz a partir de três pressupostos, segundo Orlandi:

“a) não há sentido sem interpretação; b) a interpretação está presente em 2 níveis: o de quem fala e o de quem analisa e c) a finalidade do analista de discurso não é interpretar, mas compreender como um texto funciona, ou seja, como um texto produz sentidos” (2001b, p. 19).

Tendo a interpretação uma íntima ligação com a materialidade da linguagem, “são assim distintos gestos de interpretação que constituem a relação com o sentido nas diferentes linguagens” (*idem*, p. 19).

A AD não procura especificamente analisar o que o texto quer dizer, mas como um texto funciona.

A análise do discurso é a disciplina que vem ocupar o lugar dessa necessidade teórica, trabalhando a opacidade do texto e vendo nesta opacidade a presença do político, do simbólico, do ideológico, o próprio fato do funcionamento da linguagem: a inscrição da língua na história para que ela signifique (ORLANDI, 2001, p. 21).

Orlandi, mais adiante, resume a questão com uma interrogação: “O que faz efetivamente a análise de discurso: ela interroga a interpretação?”. No funcionamento da linguagem, conforme se percebe, seu sujeito é constituído por gestos de interpretação que concernem sua posição. O sujeito é a interpretação, através do sentido lingüístico

interpretativo, o sujeito se submete à ideologia, ao efeito da literalidade, à ilusão do conteúdo, à construção da evidência dos sentidos, sempre atrelada ao significado lingüístico.

A função da análise de discurso é descrever o funcionamento do texto. Seja o analista de discurso (lingüista, professor), ou seja o cidadão comum, e mostrar os mecanismos dos processos de significação que norteiam a textualização da discursividade. Na análise do discurso, faz-se necessário à explicação (noção) de “função” à de “funcionamento”, bem como da construção de um dispositivo analítico baseado no entendimento do efeito metafórico que, segundo Pêcheux (1988, p. 72), é o fenômeno semântico todo processo lingüístico dá margem à interpretação. Nas palavras de Orlandi (2001b, p. 27):

Os gestos de interpretação são carregados de uma relação da língua com/sobre a língua - interpretar é dizer o dito - que entretanto aparece como o grau zero do dizer, ilusão de uma relação direta das palavras com as coisas. [...] a descrição tem que ser interpretada. Melhor dizer então que sua finalidade [do lingüista, do analista do discurso] não é descrever nem interpretar mas compreender – isto é, explicitar - os processos de significação que trabalham o texto; compreender como o texto produz sentidos através de seus mecanismos de funcionamento.

Conforme defende Pêcheux (Orlandi, 2001b, p. 50), faz-se útil, “com a análise de discurso, inauguram-se novas maneiras de ler. Estas novas maneiras justamente não rejeitam a não-transparência da linguagem nem as ilusões dos sujeitos”.

A interpretação na análise de discurso deve procurar ligar o texto ao discurso, o discurso às formações discursivas e as formações discursivas à ideologia, dando ao analista, em primeira instância, e ao leitor, em consequência, monitorar o trajeto em que se amoldam os sentidos/sujeitos pela inscrição da língua na história. Neste prisma, ato de ler não é apenas uma simples decodificação, mas uma construção de um dispositivo teórico.

2.8 APRENDIZADO DO DISCURSO/TEXTO

O processo ensino/aprendizagem tem relação com a chamada memória discursiva ou interdiscurso. A discussão referente à memória discursiva traz para a reflexão a consideração do inconsciente e da ideologia; e, de acordo com Pêcheux (ORLANDI 2001b, p. 59), os sentidos não são ensinados, mas filiados (inconscientemente) a redes de memória. Orlandi (2001 b, p. 59), em vista dessa afirmação, produz a seguinte indagação: Como ensinar leitura? Se a constituição dos sentidos é irrepresentável e não se aprende, como transmitir aos alunos a necessidade da leitura? Como formar novos leitores? Segundo a autora, o hábito da leitura é uma disciplina que se aprende em conformidade com o discurso documental, a memória de arquivo.

[...] o interdiscurso é o conjunto de dizeres já ditos e esquecidos que determinam o que dizemos, sustentando a possibilidade mesma do dizer. Para que nossas palavras tenham sentido é preciso que já tenham sentido. Esse efeito é produzido pela relação com o interdiscurso, a memória discursiva: algo fala antes em outro lugar, independentemente (ORLANDI, 2001b, p. 59).

O interdiscurso poderia, então, ser definido como a memória que é estruturada pelo esquecimento, à diferença do arquivo, que é o discurso documental pela memória que acumula e processa informações, permeadas entre a ideologia e o inconsciente de cada indivíduo (*idem*, p. 60).

A análise do discurso propõe (inaugurar-se) novas práticas de leitura, construindo-se “pontes” que propiciem levar em conta esses efeitos e conduzir a relação (discursiva) com este saber que não se aprende, mas é inato (inconsciente) ao indivíduo. A referência se dá com relação à interdiscursividade.

Orlandi (2001 b, p. 61), procurando caracterizar o leitor na atualidade e tomando como referência a escola, imprensa, favela, o cidadão da zona rural e o cotidiano urbano, a cultura indígena, os projetos acadêmicos, verificou que o leitor brasileiro tem um perfil

“empresarial”, ou seja, um leitor de quantidade, de resumos e com finalidades estritamente pragmáticas, acadêmicas, profissionais e que não “saboreia” a leitura. E ela mesma enfatiza que, no confronto dessa imagem produzida para o leitor e a produzida pelo leitor, pode-se observar um sujeito se fazendo no movimento de entrega e resistência, trabalhando suas contradições, e isso a fez reconhecer não uma forma de sujeito-leitor, mas várias, como efeito de resistência ao perfil do leitor ideal (o empresarial, com sua leitura linear, superficial, de aparência e em quantidade)”.

Compreendendo melhor a análise do discurso, torna-se mais fácil compreender o processo da leitura.

2.9 SUJEITO E LEITURA

Existe uma história de leituras que afetam o texto. O mesmo leitor não lê o mesmo texto da mesma maneira em diversos momentos e em condições distintas da produção de leitura e, ao mesmo tempo, esse texto é lido de formas diferentes em épocas distintas, por diferentes leitores. Segundo Marandin

não se trata de uma leitura plural em que o sujeito joga para multiplicar os pontos de vista possíveis para melhor aí se reconhecer, mas de uma leitura em que o sujeito é ao mesmo tempo despossuído e responsável pelo sentido que lê (*apud* ORLANDI, 2001b, p. 62).

O sujeito-leitor constitui-se na relação com a linguagem (no papel de intérprete) em função da textualidade, à qual se submete. O submeter-se aqui pode nos remeter ao que Barthes diz sobre o fato de que:

a leitura implica em uma inclinação do olhar, implica assim numa disciplina. O olhar inclina-se sobre o texto. Diante do texto o olhar “bate” pontos diversos, mas pela sua inclinação, há uma disciplina que faz com que o olhar dirija-se a esse e não aquele ponto (ORLANDI, 2001b, p. 63).

Ler e entender um texto exige uma interpretação pessoal. É uma das formas de compreender-se a interpretação é observar a relação do sujeito-autor com a textualização do discurso.

2.10 RELAÇÃO TEXTO/DISCURSO

O texto é a unidade da análise.

Para o leitor, é a unidade empírica que ele tem diante de si, feita de som, letra, imagem, seqüências com uma extensão (imaginariamente) com começo, meio e fim e que tem um autor que se representa em sua unidade, na origem do texto”, dando-lhe coerência, progressão e finalidade (ORLANDI, 2001b, p. 64).

A multiplicidade de leituras, vista a partir dessa relação “imperfeita” do texto com a discursividade, deixa de ser algo psicológico, da vontade do sujeito, e passa a possuir certos aspectos materiais: a textualidade, enquanto matéria discursiva, dá ensejo a diversas possibilidades de leitura.

O texto dá pistas como a discursividade está organizada; ou seja, como o sujeito marca o seu posicionamento no texto, materializando, textualizando e formulando uma nova mensagem lingüística.

2.11 CONTEXTO, FORMAÇÃO DISCURSIVA E ESCOLA

Em referência à análise do discurso interessam-nos os conceitos adstritos às formações ideológicas e às formações discursivas. Nas palavras de Haroche,

[...] cada formação ideológica constitui um conjunto complexo de atividades e representações que não são nem individuais nem universais, mas se reportam mais ou menos diretamente às posições de classe em conflito umas com as outras. Dessas formações ideológicas, fazem parte, enquanto componentes, uma ou mais formações discursivas interligadas (1971, p. 8).

A formação discursiva é, então, o lugar da constituição do sentido e da identidade do sujeito. E é nela que o sentido adquire sua unidade, pois uma palavra recebe seu sentido na relação com as outras da mesma formação discursiva. Cabe ao analista do discurso trabalhar seu objeto (o discurso) inscrevendo-o na relação da língua com a história, buscando na materialidade lingüística as marcas das contradições ideológicas. Orlandi diz que as formações discursivas possuem uma íntima relação às formações ideológicas que dizem respeito à instituição escolar. Neste enfoque discursivo, convém ressaltar

[...] os sentidos não nascem pura e simplesmente: são criados. São construídos em confrontos de relações que são sócio-historicamente fundadas e permeadas pelas relações de poder com seus jogos imaginários. [...] os sentidos, em suma, são produzidos (ORLANDI, 1988, p. 103).

Alternativamente, com base na perspectiva da Lingüística Textual, a construção textual, nas palavras de Beaugrande e Dressler:

forma-se mediante os requisitos “da coesão, coerência, intencionalidade, aceitabilidade, informatividade, intertextualidade e situacionalidade (contexto). Este último diz respeito à própria situação comunicativa, interfere na maneira como o texto é produzido e ainda tem reflexos sobre sua interpretação (1983, p. 61).

Logo,

o lugar e o momento da comunicação, bem como as imagens recíprocas que os interlocutores fazem uns dos outros, ou papéis que desempenham, seus pontos de vista, o objetivo da comunicação, enfim, todos os dados situacionais vão influir tanto na produção do texto, como na sua compreensão (KOCH e TRAVAGLIA, 1990, p. 70).

Entende-se por contexto o conjunto dos fatores à língua que permitem a compreensão dos enunciados (o que se diz).

É necessário situarmos o texto no tempo (quando) e no espaço (onde), para que sua interpretação seja a mais adequada possível. Saber quem fala e com que intenção, com qual objetivo (para que), pode ser um dado a mais para o leitor entender o texto; e ainda, há sempre um leitor previsto pelo texto (para quem) que determinou o modo como este foi produzido (GUILARDI, 1995, p. 7).

Torna-se impossível, então, conceber o texto tão somente pela ocorrência lingüística, pois a língua não oferece todas as condições para a sua interpretação. Discutir

acerca do texto faz lembrar o contexto, pois, de acordo com Possenti, “existe o fato de que se leva em conta alguma coisa do exterior da língua para se entender de alguma maneira o que nela é dito, por se considerar que ela diz insuficientemente” (1990, p. 36). A leitura evidencia uma associação entre enunciado/enunciação/leitor.

Sendo assim, “existe um conhecimento sobre a escrita que as pessoas dominam mesmo em saber ler e escrever, que é adquirido desde que estas estejam inseridas em uma sociedade letrada” (TFOUNI, 1994, p. 35).

Arrematando a questão, Ghilardi (1995, p. 6) defende que “ordenar, declarar, perdoar, censurar e enfim, constituir-se como sujeito que constrói o mundo e ele o constrói com palavras, em um determinado contexto”.

É produzindo e lendo textos que o sujeito age e se relaciona com os demais membros de uma comunidade. Os efeitos de sentido do discurso e as várias funções da linguagem, desde a expressão de sentimentos e emoções, até a transmissão de informações, permitem ao homem persuadir, aconselhar...

2.12 DISCURSO E INTERTEXTUALIDADE

Em relação à interdiscursividade, Maingueneau (*apud* BRANDÃO, 1994, p. 73) afirma que “a unidade de análise pertinente não é o discurso, mas um espaço de trocas entre vários discursos convenientemente escolhidos”. Esses espaços discursivos são “recortes discursivos que o analista isola no interior de um campo discursivo tendo em vista propósitos específicos de análise” (*idem*, p. 73).

Para melhor esclarecimento, Brandão (1994, p. 74) utiliza-se das palavras de Maingueneau ao dizer que “o discurso nunca seria autônomo, ele se remete sempre a outros

discursos, suas condições de possibilidades semânticas diversas aumentam quando em um espaço de trocas, mas jamais enquanto uma identidade fechada”.

Courtine e Marandin (*apud* BRANDÃO, 1994, p.74) dizem que:

o interdiscurso consiste em um processo de reconfiguração incessante no qual uma formação discursiva é conduzida [...] a incorporar elementos pré-construídos produzidos no exterior dela própria; a produzir sua redefinição e seu retorno, a suscitar igualmente a lembrança de a repetição, mas também a provocar eventualmente seu apagamento, esquecimento ou mesmo a denegação.

Na relação discurso-intertextualidade é possível verificar-se dois entendimentos:

- a) a noção de intertexto de um discurso situado como conjunto dos fragmentos discursivos;
- b) a noção de intertextualidade que abarcaria espécies de relações intertextuais definidas como legítimas que uma FD mantém com outras.

Segundo Maingueneau (*apud* Brandão, 1994, p. 76), em relação à intertextualidade, existem dois níveis:

- a) o de uma *intertextualidade interna* – o discurso define-se por sua relação com discurso(s) do mesmo campo, conseguindo divergir/apresentar enunciados semanticamente semelhantes aos que autoriza sua formação discursiva;
- b) o de uma *intertextualidade externa* - o discurso define uma certa relação com quaisquer outras esferas de acordo com os enunciados destes, sejam eles aproveitados ou não.

Em suma, tal intercambialidade de campos trata da questão da eficácia discursiva; e ao fazer a remissão a outro(s) discurso(s) o sujeito recorre a elementos elaborados que criam um efeito de evidência que suscita a adesão do seu auditório. Como exemplo, tem-se o discurso publicitário, que recorre (freqüentemente) a termos técnico-científicos para melhor persuadir o cliente a consumir o produto/serviço oferecido.

2.13 MEMÓRIA DISCURSIVA

No interior de toda construção textual e em toda formação discursiva, pressupõem-se de uma memória discursiva.

Segundo Brandão,

é a memória discursiva que torna possível a toda formação discursiva fazer circular informações anteriores, já enunciadas. É ela que permite, na rede de formulações que constitui o intradiscorso de uma formação discursiva, o aparecimento, a rejeição ou a transformação de enunciados pertencentes a formações discursivas historicamente contíguas (Brandão, 1995, p. 76).

Observe-se que a memória discursiva não possui qualquer relação com a psicologia, mas faz referência ao enunciado inscrito na história. Maingueneau (1984, p. 18) defende a idéia de que não existe um discurso auto-fundado, de origem absoluta. Logo, nas palavras de Brandão,

na medida em que retiramos de um discurso fragmentos que inserimos em outro discurso, fazemos com essa transposição, uma mudança em suas condições de produção. Mudadas as condições de produção, a significação desses fragmentos ganha nova configuração semântica (1994, p. 77).

Entendendo o texto “como uma dispersão de seqüências discursivas cuja organização é comandada por formas de repartição que combinam essas seqüências discursivas em domínios de objetos”, Courtine (1981, p. 163), refere-se ao domínio de antecipação, domínio de atualidade e, objeto desta pesquisa e sendo esta a razão da presente pesquisa, o domínio de memória. E apenas este último será analisado.

O domínio da memória faz menção, conforme Brandão, ao “conjunto de seqüências discursivas pré-existentes à seqüência discursiva de referência’ (seqüência discursiva tomada como ponto de referência a partir do qual o conjunto dos elementos do corpo receberá sua organização)” (1994, p. 79).

Pode-se concluir, então, que toda produção discursiva, efetuada sobre certas características conjunturais, produz formulações já realizadas anteriormente. Os efeitos de memória podem ser de lembrança, redefinição, transformação, esquecimento, ruptura e de negação relativamente ao discurso anteriormente produzido.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Este capítulo apresenta os procedimentos metodológicos, e faz uma análise quantitativa e qualitativa das redações que compõem o *corpus*.

3.1 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nessa investigação, considero a seguinte hipótese. “Devido ao caráter depreciativo do lugar-comum, chavão ou clichê, sua presença ocorre com maior frequência em redações consideradas no intervalo entre 1δ e 2δ abaixo da média do desempenho dos candidatos ao Vestibular de Verão 2003 da Associação Catarinense das Fundações Educacionais – ACADE do que nas redações conformadas no intervalo entre 1δ e 2δ acima da média, configurando-se como um critério subjacente de avaliação”.

Para dar conta da verificação dessa hipótese, solicitei à Comissão de Vestibular da Associação Catarinense das Fundações Educacionais – ACADE, um lote de 100 exemplares de redações do Vestibular de Verão 2003, acompanhadas das respectivas notas. Como critério para a formação do lote de redações, as notas consignadas aos candidatos deveriam estar no

espaço intervalar entre -1δ (desvio-padrão) e -2δ e entre $+1\delta$ e $+2\delta$ da média global do desempenho dos candidatos no referido vestibular.

Nesse exame, a média global foi 5,81 (cinco vírgula oitenta e um). Cada desvio padrão foi estabelecido em notas na base de 1,40 (um vírgula quarenta). O espaço intervalar entre -1δ e -2δ ficou estabelecido entre 4,41 (quatro vírgula quarenta e um) e 3,01 (três vírgula um) e entre $+1\delta$ e $+2\delta$, entre 7,02 (sete vírgula dois) e 8,62 (oito vírgula sessenta e dois). Logo, as redações, em termos médios, ou estavam entre 3,01 e 4,41 ou entre 7,02 e 8,62.

Esse lote contém redações de vários locais do Estado de Santa Catarina, entre os quais: Araranguá, Blumenau, Brusque, Caçador, Canoinhas, Chapecó, Curitibanos, Criciúma, Jaraguá do Sul, Joaçaba, Joinville, Lages, Itajaí, Itapiranga, Florianópolis, Fraiburgo, Mafra, Palhoça, Rio do Sul, São Bento do Sul, Tubarão, Videira, Xanxerê. Desse modo, pode-se ter uma visão global do desempenho nas redações de candidatos oriundos de várias regiões do estado. De modo a permitir uma melhor visualização desse conjunto de locais das provas, apresento a seguir sua distribuição no mapa de Santa Catarina.¹¹

¹¹ Nesse mapa estão ausentes as sedes de São Bento do Sul, 15 km a leste de Rio Negrinho e Palhoça, 10km ao sul de São José.



A primeira triagem do lote permitiu separar vinte e duas redações no espaço intervalar entre -1δ (desvio-padrão) e -2δ e dezenove redações entre $+1\delta$ e $+2\delta$ da média global. Posteriormente, três redações do grupo abaixo da média foram descartadas em função de ter sido detectada “fuga do tema”.

O tema dado para a elaboração da redação foi o seguinte:

Um navio está em alto mar e prestes a afundar. Viajam nele 11 pessoas: uma criança de 8anos; o pai da criança; um político; um sacerdote; uma prostituta; um deficiente físico (paraplégico); um cientista; um operário; uma estudante; uma senhora de 70 anos; um professor. No barco salva-vidas, só cabem sete pessoas. Você é o capitão, precisa decidir quem irá salvar, e rápido, porque há pouco tempo.

Escreva um texto no qual você, além de contextualizar a história, escolha as sete pessoas que salvaria, argumentando a opção feita.

Para analisar os dados, primeiramente, digitei as redações e numerei cada sentença. Cada redação foi identificada pelo número de inscrição do candidato, de modo a preservar o anonimato do autor. Desse modo, veja-se como exemplo a seguir, pode-se identificar sentenças e redação.

Redação 32019-6. Catastrofe.

[1] Em um belo dia de sol, acontece uma catastrofe. [2] Um navio de turismo se choca com uma rocha submersa, neste mesmo navio havia onze turistas, e havia somente um barco salva-vidas, enquanto que cada barco salva-vidas tem capacidade para somente sete pessoas.

[3] Havendo uma grande discussão causando pequenas brigas, o capitão foi ao local e disse:

[4] – Eu irei endo assim uma criança de oito anos, pois terá muito tempo para viver; seu pai, pois ela precisa se alguém que tome conta dela; um sacerdote, pois iriam designar quem vai no bote.

[...]

No passo seguinte, quantifiquei os clichês nos dois grupos, de modo a verificar se sua incidência é um critério subjacente para a determinação da redação no grupo abaixo da média. A próxima seção apresenta o resultado desse trabalho.

3.2 APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

A análise quantitativa gerou a tabela 1, a seguir.

Tabela 1 – Frequência de palavras, clichês e percentual da frequência de clichês em função da frequência de palavras em redações compreendidas entre -1δ e -2δ e entre $+1\delta$ e $+2\delta$ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe:

Redações entre $+1\delta$ e $+2\delta$				Redações entre -1δ e -2δ			
Redação	Palavras	Clichês	Percentual	Redação	Palavras	Clichês	Percentual
22069-8	244	10	4,0	32019-6	179	9	5,0
12316-1	254	7	2,7	32620-8	240	8	3,3
55828-6	472	10	2,1	15220-0	246	7	2,8
42781-0	260	3	1,1	31965-1	127	2	1,5
51137-9	195	6	3,0	71299-0	150	8	5,3
02189-0	284	8	2,8	37897-6	98	2	2,0
01758-2	270	7	2,5	34345-5	213	2	0,9
10251-2	302	12	3,9	35259-8	137	6	4,3
54441-1	234	7	2,9	35259-4	161	1	0,6
71738-0	291	8	2,7	20639-3	152	2	1,3
42490-0	297	5	1,6	08770-0	175	5	2,8
31357-2	247	6	2,4	11943-1	247	7	2,8
40038-6	285	9	3,1	10545-7	186	5	2,6
56459-5	259	6	2,3	57027-4	86	4	4,6
71890-4	260	10	3,8	27859-9	115	5	4,3
37036-3	410	7	1,7	17293-6	158	4	2,5
12113-4	334	13	3,8	50942-8	232	7	3,0
28308-8	316	4	1,2	24095-8	224	18	8,0
45809-0	337	10	2,9	53807-7	125	1	8,0
Total	5551	148	2,6	Total	3251	103	3,1

Na tabela 1, os dados foram separados em dois grupos. Ao lado esquerdo estão os resultados em termos da frequência de palavras e clichês de cada redação, e do percentual da frequência de clichês em função da frequência de palavras das redações compreendidas entre $+1\delta$ e $+2\delta$ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe. Ao lado direito, esses mesmos dados representam o desempenho das redações compreendidas entre -1δ e -2δ .

Nas redações acima da média, o total de palavras utilizadas foi de 5.551. Nessas redações, foram detectados 148 eventos de clichês, numa média de 2,6 clichês para cada grupo de 100 palavras. O desempenho nas redações abaixo da média é inferior no que se refere ao total de palavras e ao total de clichês, 3.251 e 103, respectivamente. Todavia, em termos relativos, a média de clichês foi ligeiramente superior, ou seja 3,1 clichês para cada grupo de 100 palavras.

É interessante destacar que 6 redações acima da média apresentam 10 ou mais clichês, enquanto que isso ocorre apenas uma vez entre as redações abaixo da média. Nossa hipótese é de que as redações acima, por serem mais extensas, apresentam argumentos para a escolha dos náufragos. Vamos ver na seção seguinte se isso é plausível.

Comparemos os dois grupos. Uma primeira possibilidade é avaliar o desempenho médio dos dois grupos. Veja-se a tabela 2.

Tabela 2 – Desempenho médio da frequência de palavras, clichês e percentual da frequência de clichês em função da frequência de palavras em redações compreendidas entre -1δ e -2δ e entre $+1\delta$ e $+2\delta$ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe:

Redação	palavras	clichês	Percentual
Redações abaixo da média	171,10	5,15	3,1
Redações acima da média	292,15	7,78	2,6

Em média, as redações acima da média possuem 292,15 palavras, contra 171,1 palavras das redações abaixo da média. A média de clichês foi de 7,78 nas redações acima, contra 5,15 nas redações abaixo.

Outra possibilidade é verificar a razão de frequências e de percentual entre os dois grupos. Veja-se a tabela 3, a seguir.

Tabela 3 – Razão de desempenho da frequência de palavras, clichês e percentual da frequência de clichês em função da frequência de palavras em redações compreendidas entre -1δ e -2δ e entre $+1\delta$ e $+2\delta$ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe:

Redação	palavras	clichês	Percentual
Redações abaixo da média	3251	103	3,1
Redações acima da média	5551	148	2,6
Razão acima/abaixo	1,707	1,436	0.866

A razão da frequência de palavras entre os grupos revelou que houve 1,707 palavras nas redações acima da média para cada palavra das redações abaixo. No que se refere à frequência de clichês, houve 1,436 clichês nas redações acima para cada caso de clichê nas redações abaixo. Noutras palavras, houve 43,6% a mais de clichês nas redações pontuadas acima da média das redações da Acafe em 2003. Todavia, apesar do desempenho em termos de frequência ser superior nos dois casos, o desempenho relativo é menor, uma vez que há 0,866 casos de clichês por grupo de 100 palavras nas redações acima para cada caso de clichê nas redações abaixo da média.

Isso sugere que a presença de clichês nas redações acima da média é minimizada pela frequência total de palavras das redações. Isso não necessariamente é sinal de desempenho mais acurado.

3.3 ANÁLISE DO TEMA DA REDAÇÃO

Observe-se que o tema da redação do vestibular procura aguçar ou testar a criatividade e argumentatividade do vestibulando, na medida em que ele se posiciona como narrador de uma história na qual ele é protagonista. Esse sujeito protagonista tem de fazer uma escolha que implícita seus valores e crenças.

Revise-se o tema:

Um navio está em alto mar e prestes a afundar. Viajam nele 11 pessoas: uma criança de 8 anos; o pai da criança; um político; um sacerdote; uma prostituta; um deficiente físico (paraplégico); um cientista; um operário; uma estudante; uma senhora de 70 anos; um professor. No barco salva-vidas, só cabem sete pessoas. Você é o capitão, precisa decidir quem irá salvar, e rápido, porque há pouco tempo.

Escreva um texto no qual você, além de contextualizar a história, escolha as sete pessoas que salvaria, argumentando a opção feita.

Numa análise mais crítica, percebe-se que esse tema é, em vários sentidos, inverossímil. Entre as questões, coloca-se a ausência de uma tripulação, a distorção da noção de navio e de capitão em função do tamanho da embarcação. Para dar conta desse tema, as condições de produção fizeram com que os estudantes admitissem como verossímil, várias das discrepâncias entre o tema a situações reais. Tais condições materiais postas não lhes deram a oportunidade de contestarem os termos dos problemas apresentados.

Talvez, a maior fonte de inconsistências deriva do uso da palavra *capitão*. Para Ferreira (1986, p. 343), *capitão* significa, dentro da hierarquia militar, aquele oficial que detém o posto de capitão. Mais especificamente, “[...] comandante de navio mercante”. Nesse caso, só por extensão, poderia o termo ser aplicado para o caso posto pelo tema.

O mesmo se poderia dizer da palavra *comandante*. Para Ferreira (1986, p. 434), *comandante* significa: “que comanda; dirigente. Aquele que tem comando. Oficial que exerce um comando de um navio (de guerra ou mercante). Qualquer oficial superior do Corpo da

Armada”. O mesmo dicionário complementa que o termo “impropriamente se estende, às vezes, aos oficiais superiores dos demais corpos e quadros de oficiais da Marinha, exceto médicos e dentistas”.

Pelo que foi relatado, capitão é aquele que comanda navio mercante, o que não é o caso do tema. O comando de uma embarcação maior pressupõe a existência de uma tripulação, algo que se omite no tema. Não por menos, alguns candidatos, nesse lote de redações analisadas, confundiram passageiros com tripulação.

Outra fonte de problemas decorre do fato que o navio em questão transporta 11 pessoas mais o capitão. Então, o navio zarpa com 12 pessoas a bordo e não 11 como foi dito no tema da redação. Isso implicaria que a contagem foi a partir das 11 pessoas, ditas personagens, entre as quais deveriam ser escolhidas somente 7, com a exclusão por antecipação do salvamento do capitão.

Por fim, embora sempre haja a possibilidade de se burlar a fiscalização, não há menção à discrepância de o navio ter somente um barco salva-vidas com um número inferior de lugares em relação ao conjunto de passageiros e tripulantes.

3.4 ANÁLISE DAS REDAÇÕES

Diferentemente de temas que exigem leituras de fatos ou acontecimentos de várias ordens, a proposição de se colocar no lugar de um capitão diante da tarefa de salvar sete entre onze passageiros de um navio em naufrágio constituiu-se numa oportunidade de argumentar sobre os critérios para salvar/não salvar determinadas pessoas.

Se isso, por um lado, minimiza a necessidade de leituras mais aprofundadas sobre um tema específico, põe em evidência valores sociais, que se manifestam em discursos das

mais variadas espécies, desde aqueles que provêm justificativas religiosas até os mais racionais ou pseudo-racionais. O tema exigiu, portanto, o desmascarar de valores.

Quais são esses valores e como se manifestam nas redações? Esses valores se manifestam a partir de frases prontas ou são parafraseados? E, se é possível distinguir a paráfrase do já-dito, as redações qualificadas acima da média conteriam menos clichês e seriam um critério subjacente de atribuição de nota? Os dados quantitativos expressam, com muita ênfase, que não. De uma maneira geral, as redações pontuadas acima da média não possuem clichês em menor número e mesmo o desempenho relativo menor, a saber, 0,866 caso de clichês para cada caso de clichês das redações abaixo da média, esse desempenho é inexpressivamente menor, o que não justificaria, nesse lote de redações, dizer que sua presença/ausência reflete-se na nota.

Apesar dos dados quantitativos apresentarem por si mesmos os resultados da pesquisa, não nos dizem sobre a qualidade desses clichês. Não nos dizem sobre os argumentos a favor de ou contra o salvamento de determinados passageiros.

Seguramente, ser capitão de um navio nessas condições, refletiria os valores mais íntimos dessa pessoa. Talvez por isso, tratando-se de um jovem diante uma situação para a qual não se sentia preparado, pois, para ser comandante de um navio deve seguir um código de ética. Por não ter esses conhecimentos é que os clichês aparecem com tanta ênfase, principalmente nos casos em que os estudantes tentam argumentar.

De qualquer modo, esse tema, com muita ênfase, trabalha espaços de subjetividade. Estamos diante de escolhas feitas pelo narrador-personagem. Logo, houve uma relação muito estreita entre o espaço de “eu” e o espaço do “tu”. O “tu”, aqui, é cada personagem da tragédia que, para justificar seu salvamento, precisa ser construído discursivamente. Percebe-se, também, o espaço do “outro”, já que o capitão refletia a respeito

dos passageiros formando suas imagens (estereotipadas). Essas imagens eram ideologicamente criadas, pois ele tinha uma matriz para tomar as decisões, não podia decidir logo de saída apelando para os “valores mais íntimos”. Claro, essa construção se deu a partir de valores ideologicamente pré-configurados. O que cada personagem é depende das formações ideológicas, que configuram formações discursivas (matrizes do dizer). Dependendo dessa configuração, o narrador-personagem poderá ou não se reconhecer.

Em outros termos, conforme Orlandi (1998, p. 26), é através da caracterização dos funcionamentos discursivos e de sua relação com os tipos que podem configurar que se estabelece a relação entre o lingüístico e o ideológico. Salvar/não salvar está na dependência dos modos de se constituir valores sócio-ideológicos.

O conhecimento adquirido em todo o trajeto escolar faz com que o sujeito se engaje na dinâmica do processo histórico-social da produção de sentidos e do jogo de imagens construído sobre o lugar social que ocupa e do lugar ocupado pelo outro. Sabe-se que na Análise do Discurso, a ideologia e o inconsciente estão materialmente ligados, agindo na constituição do sujeito e do sentido. O sujeito falante é determinado pelo inconsciente e pela ideologia. É o que aparece, por exemplo, ter ocorrido com os textos analisados. Observou-se uma situação de conflito entre o que a idéia de “salvar” representava para o sujeito do discurso. Para o salvamento, o sujeito se submete a princípios ideológicos, que faziam parte de sua carga histórico-social. Para atender a esse conflito, acabou por usar frases ou expressões já-ditas, tornando-as pouco polissêmicas.

Que valores surgiram diante dessa demanda? Uma primeira possibilidade é entender o imaginário sobre cada personagem, conforme se revelaram nos textos. Recordemos os personagens. Além do capitão e de sua difícil tarefa, há uma criança de oito anos e seu pai,

um deficiente físico (paraplégico), um professor, um estudante, uma senhora de 70 anos, um político, uma prostituta, um operário, um sacerdote e um cientista.

Um dado muito interessante é o fato de que não sabemos detalhes maiores de cada personagem. Cada detalhe poderia ser muito explorado pelos candidatos, mas não foi esse o caso em geral. Por exemplo, falamos em uma criança de oito anos. Não sabemos se é menina ou menino, saudável ou doente. Sobre seu pai, igualmente, não sabemos a idade ou sua profissão. Sobre o deficiente, sabe-se que é paraplégico, mas os detalhes param aqui. Sobre o professor, nem ao menos se sabe de qual disciplina. Sobre o estudante, não se sabe de que nível (poderia ser um mestrando fazendo dissertação sobre clichês!). Sobre a senhora de 70 anos, as informações se restringem à idade. Do político não sabemos se tem um cargo (isso poderia ser vital para salvá-lo ou não). Da prostituta e do sacerdote, só sabemos a profissão. Do operário e do cientista, sequer sabemos sua especialidade.

Essas observações implicam realçar que não estamos diante de personagens, mas de arquétipos. Isso, se por um lado facilitaria a criação, por outro poderia gerar argumentos genéricos demais, caindo o estudante no pecado de fornecer argumentos superficiais. A título de exemplo, poderia tão somente salvar a criança porque ela é o futuro do Brasil, ao passo se pudesse criar uma personagem infantil doente terminal, não haveria qualquer futuro.

Isso é importante nas observações que se seguem. Não se está salvando essa ou aquela personagem, mas salvando arquétipos de personagens. Assim, os valores de cada um criam características padronizadas do que seria em média cada uma dessas personagens. Supostamente, salvar um padre tem a ver com salvar alguém de bem. Salvar uma prostituta é de argumentação mais difícil (a não ser que o arquétipo de ser mulher, ou o arquétipo do arrependimento em função da morte se sobreponha no julgamento).

Antes de nos debruçarmos na questão do salvamento propriamente dito, cabe um parêntese sobre as circunstâncias do naufrágio e naquilo que essas circunstâncias compõem o episódio ou cena discursiva. De um modo geral, a viagem começou em “belas manhãs” ou “belas tardes”, com clichês paisagísticos. Alternativamente, algumas redações reportam que o navio estava em alto mar. De um modo geral, “de repente” o céu começa a escurecer e o navio bate em algo, racha e começa a afundar. A título de exemplo nas redações: +40038-6 “dia de sol, parecia tudo tranquilo”;¹² +71890-4 “estávamos em alto mar, chovia muito naquele dia”; +37036-3 “em uma bela tarde de Domingo [...]”; -15220-0 “Era uma bela manhã de verão [...]”. Alternativamente, há redações que detectam problemas estruturais do navio. Vejam-se os exemplos: -11943-1 “[...] inadequado devido tempo de uso e a má conservação de seu casco e compartimentos”; -17293-6 “[...] logo são informados que o navio vai afundar, pois acaba de explodir o motor e abre-se uma rachadura no casco do navio”.

De um modo geral, na seqüência, os passageiros entram em pânico e o capitão tem “a difícil tarefa” de escolher quem deveria ser salvo. Seguem-se os critérios de salvamento, como veremos adiante. Com relação ao desfecho, para alguns narradores, o capitão morre com seu barco, em outros casos o capitão se salva juntamente com os passageiros escolhidos, embora essa opção fosse em princípio vetada. Houve, ainda, casos em que o salvamento é implícito.

Essas considerações dão o mote para falarmos do primeiro personagem, a saber, o próprio capitão. O arquétipo de capitão implica que ele naufrague com seu navio, diante da inevitabilidade do salvamento. Salvar-se a si mesmo implica sobrepor-se a esse discurso, além de esta possibilidade não estar nas regras do tema. Veja-se esse exemplo, retirado da Redação

¹² O sinal “+” que antecede o número da redação implica que ela se conforma no grupo entre +1δ e + 2δ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe. O sinal “-” representa o grupo de redações entre -1δ e -2δ da média.

+01758-2: “Todo bom capitão naufraga com seu barco”. Na redação +02189-0, esse discurso assim se manifesta: “Eu seguiria um lema, que até àquele momento nunca havia entendido tão bem: ‘um capitão deve afundar com seu navio’”.

A morte do capitão ocorreu 24 vezes. Todavia, isso implica dizer que ele se salvou em 14 oportunidades. Para isso, uma situação alternativa foi salvar-se por terceiros. Essa possibilidade resolve o conflito da morte.

Um caso peculiar foi a narrativa ser contada aos netos. Na redação +37036-3, o capitão, agora idoso, conta a história do naufrágio para seus netos. Ele, diferentemente do que se era de esperar, inclui-se no barco salva-vidas como oitavo elemento, de modo que escolhe entre os passageiros os outros sete. Observe-se que, a rigor, o barco salva-vidas poderia levar apenas sete pessoas. Vejamos como isso se apresenta na redação:

[6]Como não conhecia muito àquelas pessoas tive que fazer uma análise rápida de todas e decidi que Robson, o estudante, por ser tão jovem foi o 1º escolhido, como eu era religioso, o meu amigo sacerdote foi o 2º, ou não seria capaz de separar um pai do seu filho e o operário e seu filho foram escolhidos, como gostei da senhora a escolhi, chamei os escolhidos e falei que eles deveriam escolher os outros, mas falaram que eu era o capitão e eu deveria tomar a decisão. [7]Não sei porque mas escolhi a professora e o deficiente. [8]Infelizmente nem todos puderam ser salvos. [9]Hoje sou amigo de todos os sobreviventes, mas não me sai da cabeça a imagem daqueles que lá ficaram.

Na redação +42781-0, o narrador diz: “hoje todos estão vivos e bem e estamos fazendo um almoço beneficente para as famílias que perderam entes queridos em naufrágios, onde capitães não tiveram a mesma sorte que eu de salvar sua tripulação [leia-se passageiros, aqui]”. Nesse caso, não sabemos como se deu o salvamento, ficando implícitas essas circunstâncias.

A criança de oito anos e seu pai precisam ser analisados em conjunto. O arquétipo aqui é a longevidade da criança e a necessidade de ser cuidada por seu pai. Essa memória discursiva traduz-se com frases prontas do tipo “Ter a vida inteira pela frente” ou “É o futuro

do Brasil”. Estes personagens são salvos na maioria das redações, pois o discurso que os narradores apresentam sobre a criança é o de que ela não sobreviveria sem o seu pai. Segundo os autores, a criança necessita de seu pai para ajudá-la a construir o seu futuro. Veja-se a redação -35259-8: “A criança, pois tem seu futuro e o seu pai para ajudar a construir.”

Uma outra situação foi a de não salvar o pai, a de ele dar seu lugar para outras pessoas, manifestando-se um discurso altruísta. Todavia, o pai deseja boa sorte ao filho, exortando-o que ele cuidasse da família quando crescesse, como mostra o excerto da redação +22069-8 “[...] este ficou, desejando sorte ao filho e que cuidasse da família quando crescesse.” Aqui, o narrador determinou o sexo da criança. Trata-se de um menino que, na falta do pai, assume a responsabilidade sobre a família quando atingisse a maioridade. Observe-se que se trata de um modelo discursivo altamente repetido em narrativas, especialmente as filmicas, o que, seguramente, constitui redes de memória discursiva que se irrompem nas narrativas dos candidatos.

A senhora de 70 anos, supostamente por respeito, foi salva por ser mulher e idosa. Muitos não deixaram morrer porque ela não conseguiria salvar-se de outra forma. Entretanto, justamente por julgá-la velha ou mesmo que ela já havia vivido muito, ela deveria ceder seu lugar para alguém mais jovem, com mostra a redação -22069-8 “Uma senhora de 70 anos resolveu ficar por se julgar velha [...]. Ficou evidente o conflito entre o discurso de respeito aos idosos e o de descarte do idoso como alguém que já cumpriu seu dever e não precisa ser salvo”.

O professor, “figura de grande sabedoria”, seria salvo, por alguns narradores, porque ainda “teria muitas coisas para ensinar”. Os narradores criam uma imagem de um professor sábio e que sempre tem alguma coisa para ensinar. Ele seria salvo por esse motivo e não por ser homem com qualidades e defeitos. Aqui, podemos analisar que a imagem

arquetípica do professor é a de que esse profissional nunca erra e a de que ele sempre tem algo útil para transmitir. Observe-se a redação – 08770-0 “O professor figura importante para nos passar conhecimento.”

Todavia, para alguns narradores o professor não seria salvo porque ele cederia o seu lugar para outros tripulantes e ficaria no navio juntos com os que restaram para ajudar a encontrar, juntamente com o capitão, solução para o salvamento do restante. Novamente, aqui, a imagem do professor que soluciona todos os problemas e se apresenta como um abnegado em prol do bem comum.

Cabe questionar como essa memória discursiva se irrompe nas redações dos estudantes. Todos os professores desses alunos conformam-se no arquétipo de sabedoria e magnanimidade? Creio que não. Todavia, o candidato sabe que parte do conjunto de professores corrige redações. Seguramente, há efeitos dessas condições de produção sobre o escrito e elas não devem ser desprezíveis. Escreve-se, aqui, para ser avaliado. Quem avalia, é professor. Logo, reforçam-se as características positivas da profissão, mesmo que isso seja motivado por pressão das circunstâncias da elaboração da produção textual.

Alguns narradores salvariam o cientista por ele ser muito importante para a humanidade. Ele seria salvo porque ele descobriria a cura para muitas doenças e por a ciência ser muito importante para a humanidade. A redação +12316-1 comprova o que estamos analisando: “[...] a ciência é a maior arma da humanidade”. Um fato interessante é que o narrador tem uma imagem que o cientista tem a solução para tudo, como por exemplo, na redação +51137-9 “[...] o cientista pois com suas grandes idéias fica para criar soluções [...]”. Nessa redação, todavia, o cientista não é salvo, justamente porque fica implícita a idéia de que ele acharia a solução para o salvamento.

O estudante seria salvo por ser muito jovem. Novamente aqui o discurso da jovialidade, e ter muito que aprender na vida, o discurso da incompletude que se resolve com a escolarização. Aqui, o narrador tem a visão que o estudante tem um futuro promissor como está citado na redação +55828-6 “[...] pode vir a ser um grande cientista no futuro”. Em nenhuma das redações analisadas houve argumentos para não salvar o estudante, mas houve uma redação em que ele cederia seu lugar para a senhora de 70 anos por consideração de respeito e por ela não ter condições físicas para salvar-se: redação +45809-0 “este por respeito cedeu sua vaga para a senhora idosa [...]”.

Na maioria das redações analisadas, um dado interessante é o de que ao salvarem o estudante, este seria salvo juntamente com o professor. A imagem discursiva aqui é a de que o professor detém o conhecimento e precisa transmiti-lo ao aluno e a de que um não se realiza sem o outro. Analise-se, por exemplo, a redação +55828-6 “O professor e o estudante vem em seguida, pois para o capitão, um é mestre no ensino e o outro pode vir a ser um grande cientista”. O papel do professor enquanto transmissor de conhecimentos é explícito aqui, independentemente dos esforços das propostas didáticas em vigor.

O deficiente paraplégico, na maioria das redações, é salvo por não ter condições físicas para sobreviver sem a ajuda de outras pessoas. Evidentemente, se o deixassem no navio, ele não teria chance. Ressalta-se nesse personagem o arquétipo da dependência e, supostamente por consideração, ele é listado entre os personagens salvos, como ocorre na redação -11943-1 “[...] se ficasse no navio não teria chance de lutar por sua vida”.

Outros narradores o salvariam para que ele servisse de exemplo para outras pessoas. O discurso que emerge aqui é o da força de vontade, da força de vida, apesar de ou em função da sua deficiência. É o que transparece nas redações +12316-1, onde “[...] são eles

os maiores exemplos de luta da história.”, ou +51137-9, que apresenta o paraplégico como alguém especial, “[...] o paraplégico com sua grande percepção”.

Há, contudo, quem não o salvaria, porque ele seria muito discriminado pela sociedade e já estava cansado de viver. Veja-se este caso na redação +22069-8 “[...] a mesma atitude teve o paraplégico dizendo-se infeliz com suas condições”.

A salvação do político foi extremamente discutível. A imagem que alguns narradores-personagens têm do político é a de vínculo com a corrupção. Devido a esta percepção, muitos não o salvariam. Na redação +22069-8, a imagem negativa do político é evidente: “O último todos concordavam em deixar no navio, pois este só dava as caras quando era de seu interesse”. Na redação -24095-8, lê-se: “De políticos já estamos fartos e um a menos quem sabe até nos ajude se ele for corrupto é claro”. Na redação +10251-2, eis como se qualifica o personagem: “[...] um político, fugindo por forjar toda uma população.” Nessa redação, o político não foi citado no salvamento, mas a idéia subentendida é a de que não se deveria salvá-lo.

Todavia, para alguns narradores, o político seria salvo para poder remediar seus atos, discurso de redenção do vilão, ou mesmo por ser importante para a sociedade. Na redação +12316-1, o capitão “salvaria o político”, pois “nada pode ficar em ordem quando não há quem arrume a “casa” (isto é falando dos bons políticos, é claro)”. Repare-se no remorso. Na redação +42781-0, salvam-se o político e o cientista, “[...] porque eram necessários em suas cidades”. Na redação +51137-9, salva-se também “[...] o político, pois tem conhecimento e grandes idéias”. Na redação -35259-8, idem, pois o político “tem pela frente melhorar seu país.” Na redação +40038-6 o outro lugar foi dado ao político: “O outro dei ao político, com a esperança de que ao lutar tanto pela sobrevivência, agisse de forma

correta perante as necessidades do povo”. Em todos os casos, parece haver o resquício do discurso da esperança na classe política.

Uns dos argumentos escritos para salvar a prostituta foi o fato de ser mulher, na base do “salvem-se as mulheres e as crianças primeiro!”: + 01758-2 “ Há entre eles uma mulher. Então será ela mesma, mesmo que sendo prostituta, ainda assim mulher”. Repare-se a discriminação.

Há quem a salvasse por ela ser jovem: + 42781-0 “[...] e a prostituta em seguida porque eram jovens” Esse argumento é similar ao usado para a criança e para o estudante (não há menção à idade da prostituta no tema da redação).

Todavia, foi sensível o discurso da remediação dos pecados e a remissão implícita ao discurso salvacionista religioso, a redenção maior do que o pecado: + 121134-4 “Mandei também a prostituta para que pudesse consertar seus erros”. Alguns narradores, no entanto, deixariam a prostituta morrer por ela ter uma vida promiscua e ser transmissora de Aids, o pecado religioso e biológico maior do que a redenção: -24095-8 “A prostituta estava com aids então quantas pessoas eu salvei de serem contaminadas.”

O arquétipo discursivo do operário é evidente: um homem trabalhador, honesto e com família para sustentar. É graças ao suor dele que o país vive, como nos mostra as redações: -08770-0, para quem o operário seria salvo “[...] para que continuasse através de seu trabalho no desenvolvimento do nosso país”; +22069-8 para quem “[...] o operário, trabalhador honesto” seria salvo “com [porque tinha] sua família para cuidar”; +12316-1, onde novamente o discurso do labora se evidencia “[...]é graças ao suor deles que o país vive”; +02189-0, para quen “[...] o operário, mesmo não sendo tão culto, era honesto, trabalhador e merecia viver [...]”; e, +54441-1, uma vez que “[...] o operário possuía uma família, e tinha que trabalhar para sustentá-la [...]”.

Nas redações onde o operário não se salvaria, isso ocorreu porque ele cederia seu lugar a outra pessoa, o que novamente reforça o arquétipo positivo da profissão. Mesmo quando a opção pela morte se evidencia, ela não é dada pelo narrador, mas decorre do ponto de vista do personagem, o que elimina o conflito de mandar a morte quem “não merecia”.

O padre seria salvo porque ele é o enviado de Deus e traz paz e tranquilidade às pessoas. O padre, na maioria das redações, é descrito como um homem do bem e religioso. Nas redações em que o padre não foi salvo foi porque ele cedeu seu lugar a outro passageiro e sua morte nessa vida implicaria necessariamente na sua salvação na outra vida (novamente, aqui, o discurso religioso!), ou porque “estava preparado para morrer”. Percebe-se isto nas redações: +22069-8 “[...] pois ele é um sábio a serviço de Deus”; +51137-9 “[...] o sacerdote para tranquilizar e trazer paz para o bote [...]”; +4580-9 “[...] decidiu dar a sua vaga para o sacerdote, que recusou entregando-a para o estudante [...]”; e, +71738-0 “[...] para surpresa minha, aquele sacerdote negou-se a entrar no barco, alegando já possuir uma vida eterna e essa oportunidade estaria dando a mim”.

O salvamento dos vários personagens pode ser visto na tabela 4, a seguir.

Tabela 4 – Frequência e percentual de salvamento dos personagens apresentados no tema do Vestibular de Verão 2003 da ACAFE:

Personagem	Frequência	Percentual
Criança de oito anos	38	100,00
Pai da criança de oito anos	27	71,05
Estudante	27	71,05
Deficiente físico (paraplégico)	25	65,79
Professor	24	63,16
Padre	22	57,89
Senhora de setenta anos	19	50,00
Cientista	18	47,37
Operário	18	47,37
Capitão	14	36,84
Prostituta	10	26,32
Político	7	18,42

Analisadas as 38 redações do *corpus*, percebeu-se que a criança foi salva em todas as narrativas, o que não surpreende, uma vez que elas (as crianças) devem ter prioridade num caso semelhante ao exposto no tema. O pai da criança e o estudante foram salvos em 27 redações, numa média acima de 70% dos casos. O deficiente físico, supostamente devido a sua condição, foi salvo em 25 narrativas, em torno de 65% dos casos. O professor e o padre foram salvos, respectivamente, em 24 e 22 redações, num percentual de 63% e 57%. A senhora de 70 anos, provavelmente em função de sua idade, foi salva em uma de cada duas redações amostradas.

Os demais personagens foram sistematicamente escolhidos para ficar no navio: o cientista e o operário foram salvos 18 vezes, um percentual um pouco abaixo de 50%; o capitão se salvou 14 vezes, embora as regras do jogo impedissem essa opção, em torno de 36%; a prostituta foi salva 10 vezes, um percentual de 26%; e, por fim, o político foi salvo apenas 7 vezes, num percentual de 18%.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desse trabalho foi verificar a incidência de clichês como critério subjacente na avaliação das produções textuais do *Vestibular*. Nessa investigação, considerei a hipótese de que devido ao caráter depreciativo do lugar-comum, chavão ou clichê, sua presença ocorreria com maior frequência em redações consideradas no intervalo entre 1δ e 2δ abaixo da média do desempenho dos candidatos ao Vestibular de Verão 2003 da Associação Catarinense das Fundações Educacionais – ACADE do que nas redações conformadas no intervalo entre 1δ e 2δ acima da média.

Uma vez trabalhada teoricamente a questão dos clichês e das redações, obtive da Comissão da ACADE, um lote de 100 exemplares de redações do Vestibular de Verão 2003, acompanhado das respectivas notas. Nesse vestibular, a média global foi de 5,81, com desvio padrão em notas de 1,4. O espaço intervalar entre -1δ e -2δ ficou estabelecido entre 4,41 e 3,01 e entre $+1\delta$ e $+2\delta$, entre 7,02 e 8,62. Com base nesses critérios, foram escolhidas trinta e oito redações para análise. Digitadas as redações, numeradas suas sentenças e identificadas cada uma delas por seu número de inscrição, detectamos os clichês.

Nas redações acima da média, foram detectados 148 clichês, numa média de 2,6 clichês para cada grupo de 100 palavras. O desempenho das redações abaixo da média foi inferior num total de 103 clichês. Em termos relativos, no entanto, a média de clichês foi ligeiramente superior, ou seja 3,1 clichês para cada grupo de 100 palavras. Seis redações acima da média apresentaram dez ou mais clichês, fato esse que ocorreu apenas uma vez entre as redações abaixo da média. Cada redação acima da média possui 292,15 palavras em média, contra 171,1 palavras das redações abaixo da média. A média de clichês foi de 7,78 nas redações acima, contra 5,15 nas redações abaixo.

Na razão da frequência de palavras entre os grupos, houve 1,7 palavras nas redações acima da média para cada palavra das redações abaixo da média. No que se refere à frequência de clichês, houve 1,436 clichês nas redações acima da média para cada caso de clichê nas redações abaixo da média. Noutras palavras, houve 43,6% a mais de clichês nas redações pontuadas acima da média. Todavia, apesar do desempenho em termos de frequência ser superior nos dois casos, o desempenho relativo é menor, uma vez que há 0,866 casos de clichês por grupo de 100 palavras nas redações acima da média para cada caso de clichê nas redações abaixo da média. Isso sugere que a presença de clichês nas redações acima da média é minimizada pela frequência total de palavras das redações.

As redações pontuadas acima da média não possuem clichês em menor número. O desempenho relativo menor, 0,866:1 foi inexpressivo, o que não justificaria, nesse lote de redações, dizer que sua presença/ausência reflete-se na nota. Em síntese, os resultados quantitativos revelaram que no lote escolhido aleatoriamente pela Comissão de Vestibular, **a incidência de clichês não foi critério subjacente para qualificação das dissertações no grupo entre +1 δ e + 2 δ da média geral das notas do Vestibular de Verão 2003 da Acafe.** Logo, nossa hipótese não foi corroborada pelos dados obtidos desse lote.

No que se refere às condições de produção, o estudante estava diante de um tema com certas discrepâncias: o navio tem um capitão, mas equivale a uma embarcação menor; não há tripulação, embora haja um capitão; o navio transporta 12 pessoas, incluindo o capitão, mas só se pode salvar 7 pessoas (o que exclui *a priori* o capitão); o navio em questão não possui barcos salva-vidas em número suficiente, apesar da legislação. Os candidatos admitiram toda a situação como verossímil, apesar das discrepâncias entre o tema a situações reais, e não contestaram os termos dos problemas apresentados.

Do ponto de vista qualitativo, percebeu-se que o tema demandou que o aluno se colocasse na posição de um capitão, em meio a um naufrágio onde o número de vagas do barco salva-vidas (sete) era menos do que o número de passageiros (onze). Isso o forçou a tecer escolhas a partir de seus valores e crenças. Tal situação trabalhou espaços de subjetividade numa tensão “eu-tu”. O outro é cada personagem da tragédia cujo salvamento precisa ser discursivamente construído. Para o caso, o sujeito se submeteu a princípios ideológicos, parte de sua carga histórico-social. Para o texto, a solução desse conflito se manifestou em frases ou expressões já-ditas, logo, pouco polissêmicas.

Outra fonte de estereotipias decorre de não sabermos detalhes de cada personagem. Efetivamente, não estamos diante de personagens, mas de arquétipos. Assim, os valores de cada narrador desenvolveram características padronizadas do que seria em média cada uma dessas personagens.

Embora houvesse quem salvasse o capitão, as regras das condições de produção impedia essa resolução do conflito, bem como o arquétipo de capitão implicaria o seu naufrágio. Ele naufragou em 24 redações do *corpus*.

A criança de oito anos e seu pai formam um todo. O arquétipo preponderante foi a longevidade da criança e o requerimento dos cuidados de seu pai. Irrompem-se chavões do

tipo “Ter a vida inteira pela frente” ou “É o futuro do Brasil”. A morte do pai só se justifica entremeada por um discurso de abnegação.

O professor e o cientista podem ser assimilados mutuamente. São sábios que tem “muitas coisas para ensinar” ou para “descobrir”, a não ser que sua inteligência seja usada para encontrar uma solução. Com relação ao professor, até que ponto “conta ponto” salvá-lo numa situação em que seus pares vão corrigir a redação, é uma questão bastante instigante.

O estudante seria salvo por ser muito jovem. Novamente aqui o discurso da jovialidade, e ter muito que aprender na vida, o discurso da incompletude que se resolve com a escolarização. Na maioria das redações, o estudante foi salvo juntamente com o professor. A imagem discursiva aqui é a de que o professor detém o conhecimento e precisa “transmiti-lo” ao aluno e a de que um não se realiza sem o outro.

O arquétipo discursivo do operário se constrói como trabalhador, honesto e com família para sustentar. Sua morte só poderia decorrer da cessão de seu lugar para outro personagem. Imagem positiva também ocorreu com relação ao padre. Homem do bem e religioso, seria salvo porque ser enviado de Deus e trazer paz e tranquilidade às pessoas. Novamente, sua morte decorre da cessão de direitos.

Com relação à idosa, ficou evidente o conflito entre respeito e descarte dos idosos. Para o deficiente paraplégico, emerge o conflito entre o discurso da dependência e o discurso do exemplo, da força de vontade, da força de vida, apesar de ou em função da sua deficiência. Como era de se esperar, salvar o político foi muito raro. A imagem negativa se sobrepôs a imagem daquele que tem ou que pode contribuir para o bem coletivo.

Com relação à prostituta, houve várias alternativas. Ela foi salva por ser mulher na base de “mulheres e as crianças primeiro!”. Reitere-se o excerto a seguir: + 01758-2 “Há entre

eles uma mulher. Então será ela mesma, mesmo que sendo prostituta, ainda assim mulher”. Houve quem a salvasse por ser jovem, assimilando-a à criança e ao estudante, embora não soubéssemos sua idade. Embora o discurso redentorista emergisse para salvá-la, alguns narradores deixaram-na morrer por ter uma vida promíscua.

Nas 38 redações do *corpus*, a criança foi salva em todas as narrativas (não esqueçamos que elas devem ter prioridade num caso semelhante). Seu pai e o estudante foram salvos em 70% dos casos. O deficiente físico, o professor e o padre foram salvos em 65%, 63% e 57%, respectivamente. A senhora de 70 anos foi salva em uma de cada duas redações do *corpus*. Os demais personagens foram sistematicamente escolhidos para a morte: o cientista e o operário salvaram-se em pouco menos de 50% dos casos, o capitão, em torno de 36%; a prostituta, num percentual de 26%, e, por fim, o político, num percentual de 18%.

Para salvar/não-salvar cada um dos personagens, diante das condições de produção do vestibular, cada estudante revelou em certo grau sua dependência ao já-dito, ao discurso do outro. De um modo geral, o aluno reproduz um discurso que não é dele, mas produto de uma ideologia que fala através dele e que se estabelece o que pode ser tido e como.

No caso específico do Vestibular sob estudo, e de seu tema peculiar de redação, e limitada pela quantidade de redações do *corpus*, ficou evidente que não foram os clichês critérios demarcadores de depreciação das notas, mas outras questões constitutivas da avaliação. Para o corretor, apesar dos clichês, construir uma redação minimamente organizada já é um consolo bastante razoável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALTHUSSER, L. **Ideologia e aparelhos ideológicos de estado**. Lisboa: Martins Fontes, 1978.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Trad. de Michel Lahud e Yara Fradeschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1997.
- BARROS, Enéas Martins de. **Nova gramática da língua portuguesa**. São Paulo: Atlas, 1985.
- BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3 ed. São Paulo: UNICAMP, 1994.
- BEAUGRANDE, R. Pressler, W. U. **Introdução à lingüística textual**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 1983.
- CONDE, Dirceu Cleber. **Recorrência de advérbiais em textos dissertativos escolares**. Dissertação de Mestrado da Universidade Federal de Santa Catarina – Centro de Comunicação e Expressão, pós-graduação em Lingüística. Florianópolis, 2000.
- COURTINE, J. J. **Problemas teóricos e metodológicos na análise do discurso**. Revista Linguagem, Rio de Janeiro, n. 62, p 62-171, jul. 1981.
- DIJK, Teun Adrianus Van. **Cognição, discurso e interação**. São Paulo: Contexto, 1992.
- DURIGAN, Jesus Antônio et alli (org.). **A magia da mudança vestibular Unicamp: língua e literatuta**. Campinas: Unicamp, 1987.
- FELISBINO, Albertina. FURLANETTO, Maria Marta. **Parecer de qualificação de dissertação**. Albertina Conceição Costa Botelho. Tubarão: 19 set. 2003.
- FIORIN, J. L. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 1988.
- FIORIN, José Luis. SAVIOLI, Francisco Platão. **Para entender o texto: leitura e redação**. São Paulo: Ática, ano.
- FOUCAULT, M. **Arqueologia do saber**. Petrópolis: Vozes, 1971.

- FOUQUIÉ, P. **A dialética**. 3 ed. Portugal: editora, 1978.
- FURLANETTO, Maria Marta. **Parecer de qualificação de dissertação**. Albertina Conceição Costa Botelho. Tubarão: 2 ago. 2003.
- GALLO, Solange Leda. **Discurso da escrita e ensino**. São Paulo: UNICAMP, 1992.
- GHILARDI, Maria Inês. **Do texto ao contexto**. Revista de Letras, PUCCAMP, Campinas, n. 14, p. 5-10, dez. 1995.
- HAROCHE, C. et alli. A semântica do pensamento sausseriano: língua e discurso. **Língua e semântica**. Rio de Janeiro, n. 24, p. 01-36, out. 1971.
- ILARI, Rodolfo. **A lingüística e o ensino da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. São Paulo: Pontes, 1984.
- MARANDIN, J. M. **Sintaxe e discurso: do ponto de vista da análise do discurso**. Campinas: Unicamp, 1984.
- MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Leitura e compreensão**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.
- _____. **Lingüística de texto: o que é e como se faz**. Recife: UFPE, 1983.
- MARCUSE, Herbert. **Razão e revolução**. 4 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- MARETTO, Naiá Sadi Câmara. As manifestações do sujeito em discursos escolares. **Revista das Faculdades Claretianas**. Batatais, n. 9, p. 90-99, jan. 2000.
- MICHAELLIS**: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática na escola**. São Paulo: Contexto, 2000.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e leitura**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- _____. **Discurso e texto: formação e circulação dos sentidos**. São Paulo: Cortez, 2001, 218 p.
- _____. A análise do discurso, algumas observações. **Revista Delta**. São Paulo, vol. 2, n.1. p. 59-73, out. 1986.
- _____. A análise do discurso e seus entremeios: notas a sua história do Brasil. **Caderno de Estudos Lingüísticos**, Campinas, n. 42, p. 1-160, jun. 2002.
- _____. **Sujeito e texto**. São Paulo: Educ, 1988.
- _____. **Ler o arquivo hoje**. Gestos de leitura. Campinas: Unicamp, 1994.
- ORLANDI, E. P. GUIMARÃES, E. R. J. Unidade e dispersão: uma questão do texto e do sujeito. **Cadernos PUC**, São Paulo, n. 17, p. 57-71, nov. 1986.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.

PEREIRA, Rony Farto – **O desafio da redação**. (estudo do desempenho dos candidatos ao concurso vestibular/88 da UVNEP).

PERNAMBUCO, Juscelino. O ensino da redação: caminhos e descaminhos. **Revista das Faculdades Claretianas**, Batatais, n. 8, p. 69-77, jan. 1999.

POSSENTI, S. **Discurso, estilo e subjetividade**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. Apresentação da análise do discurso. **Glotta Estudos Lingüísticos**, São José do Rio Preto, n. 12, p. 33-59, set. 1990.

POSSENTI, Sírio. ILARI, Rodolfo. **Ensino de língua e gramática: alterar conteúdos ou alterar a imagem do professor?** Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Ed. da Unisul, 2002.

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1998.

REBOUL, Oliver. **O slogan**. São Paulo: Cultrix, 1975.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de lingüística geral**. Trad. Antonio Chelini et. Al. 8 ed. São Paulo: Cultrix, 1977.

SERAFINI, Maria Tereza. **Como escrever textos**, 5ª ed, São Paulo: Editora Globo, 1992.

TERRA, Ernani. **Redação para o 2º grau: pensando, lendo e escrevendo** / Ernani Terra, José De Nicola. – São Paulo: Scipione, 1996.

TFOUNI, L. V. **Adultos alfabetizados: o avesso do avesso**. São Paulo: Pontes, 1988.

_____. O dado como indício e a contextualização do (a) pesquisador (a) nos estudos sobre a compreensão da linguagem. **Revista D.E.L.T.A.** p. 05-38, ago. 1994.

ANEXO A – TRANSCRIÇÃO DAS REDAÇÕES

**Redações elencadas entre -18 e -28
da média do desempenho das redações do
Vestibular de Verão Acafe 2003**

Redação 32019-6 – Catastrofe

[1] Em um belo dia de sol, acontece uma catastrofe. Um navio de turismo se choca com uma rocha submersa, neste mesmo navio haviam onze turistas, e havia somente um barco salva-vidas, enquanto que cada barco salva-vidas tem capacidade para somente sete pessoas.

[2] Havendo uma grande discussão causando pequenas brigas, o capitão foi ao local e disse:

[3] – Eu irei designar que vai no bote.

[4] Escolhendo assim; uma criança de oito anos, pois tera ainda muito tempo para vier; seu pai, pois ela precisa de alguém que tome conta dela; um sacerdote, pois, iriam precisar de muita fé; um cientista, para que tenha idéia que venham a ajudar; um operário, para que ajude o cientista a construir suas idéias; um estudante, pois era muito jovem e teria muito a aprender com a vida; e por fim um professor, para que procurasse ajudar o cientista e o estudante.

[5] Assim deichou no barco um político, uma prostituta, um paraplégico, e uma senhora de 70 anos, que o capitão achou que não havia um motivo muito forte, decidindo quem sobreviveria ou não ao acidente.

Redação 00930-0 – O Capitão Teimoso

[1]Conforme instruções naval todas as embarcações tem que fazer uso do equipamento de segurança, era a segunda volta que estava dando com pessoas, pois na primeira aconteceu de entrar água no barco e as pessoas que estavam a bordo me pediram o equipamento de segurança falei que não tinha ficaram todos apavorados. [2]Foi quando fui fazer a segunda volta com a embarcação que a mesma afundou, pois desta vez todos os tripulantes estavam com os equipamentos corretos exeto, uma senhora de 70 anos, um politico, uma prostituta e um cientista, estes tripulantes morreram, por estarem com os equipamentos incorretos.

[3]As pessoas que sobreviveram chegaram até a comentar com as pessoas que viveram se as mesmas estivessem com os equipamentos corretos isto não teria acontecido.

[4]Comentamos agora o que fazer, a solução é partir com o barco salva-vidas e avisar a familia dos que morreram, sem deixar ninguém no prejuízo, sei que serei mau falado, isto será bom para deixar de ser teimoso.

Redação 32620-8 – Viajem sem volta

[1]Chegando o final de ano, uma época que transmite tranqüilidade e alegria, pois é quando trabalhadores tiram ferias crianças entusiasmam-se para o natal e estudantes se aliviam com a chegada das férias de fim de ano.[2] Enfim todos querem aproveitar; foi então que na cidade de Florianópolis promove-se uma

viajem em alto mar, muitos iriam, mas o custo era muito alto e acabaram indo apenas onze pessoas.

[3]Então no dia marcado já em alto mar todos admiravam as paisagem e as cortesias do navio.[4] Em toda a calma o capitão acaba batendo o navio em outro navio que afundou dias atrás, provocando uma grande rachadura por onde entrava muita água e as pessoas entravam em desespero pois sabiam que iriam afundar.[5] O político fica imóvel, já a prostituta começa a berar, o deficiente físico e uma senhora de setenta anos choram e lamentam um ao outro.[6] O capitão toma a atitude de colocar as pessoas no único bote salva vidas, e começar a escolher.[7] Colocou uma criança de 8 anos e seu pai pois um precisa do outro na vida, o próximo escolhido foi um operario com vontade de trabalhar um estudante e o professor como símbolo de idéias e mudanças, o cientista com varias idéias e muita atitude, e por ultimo o sacerdote que resava e tentava acalmar a todos.

[8] Logo os sete únicos lugares foram preenchidos no bote o navio afundou junto com as quatro pessoas restantes e o capitão demonstrando coragem e espírito forte.

Redação 15220-0 – A decisão

[1]Era uma bela manha de verão, quando um navio de pequeno porte zarpol do porto rumo a alto mar.[2] Nele haviam 11 passageiros, entre eles havia uma criança de 8 anos acompanhada por seu pai, um político, um sacerdote, uma prostituta, um homem paraplegico, um cientista, um operario, um estudante de Educação física, uma senhora de aproximadamente 70 anos, um professor e o comandante do navio chamado Gabriel.

[3]Corria tudo bem, quando derrepente o navio choco-se contra uma rocha que estava submerso na água. O comandante tentando manter a calma foi ao convés do navio e informou a todos que o navio iria a pique em muito pouco tempo, e tinha um problema muito sério, que só havia um bote salva vidas e que nesse bote só caberiam 7 pessoas e que caberia ao comandante escolher que entraria nele.

[4]Então ele pensou um momento e falou, primeiro as mulheres e as crianças, entrou a senhora de 70 anos a prostituta e o menino de oito anos ainda haviam 4 lugares então o comandante mandou o alejado entrar no barco e logo enceguida o sacerdote depois o operario então o operario falou, eu ja vivi bastante o estudante pode ir no meu lugar, o comandante então falou que vai o professor dele também para transmitir todo o seu sabedoria para novas pessoas, todos concordarão com a decisão.

[5]Logo que o bote foi lançado ao mar o navio foi a pique e com ele os homens que foram lembrados como heróis pelos que sobreviverão.

Redação 31965-1 – Forte Vento

[1]Tudo tranquilo, correndo andando, conversando sorrindo, a criança inocentemente acompanhada pelo pai, muito inteligente p/ assumir negócios familiares ou particulares.

[2]O político com seus projetos p/ levar ou trazer, cedo ou tarde, a serem aprovados.

[3] Todos estão em alto mar cada um com suas finalidades concretas.

[4] De repente todos, ficam amedrontados por um forte vento, correm gritam por socorro o navio pendendo de um lado p/ outro tentando ir, para as profundezas do mar, mas o salva vidas, procura salvar em 1º lugar o deficiente físico que está + próximo a ele e os demais sucessivamente o sacerdote com muita fé, o operário, e o estudante, o professor a criança, o pai o salva vidas gostaria de salvar à todos, não teve tempo e o navio foi p/ as profundezas do mar.

Redação 22390-5 – Uma tragédia em alto mar

[1] Nesta longa viagem de navio em alto mar que estará partindo de Florianópolis para Salvador, fazendo um cruzeiro com 11 pessoas a viagem estava ocorrendo tudo bem, onde passamos por Santos em São Paulo e também no Rio de Janeiro, logo ao sair do Rio de Janeiro a última parada seria a cidade de Salvador, assim quase chegando ao destino acontece um imprevisto, o casco do navio foi perfurado por uma grande pedra que se encontrava no mar, um pouco acima do mar que então não deu para desviar, e aí eu pensei o navio vai afundar, e eu só tenho um

[2] Barco salva-vidas que cabem sete pessoas apenas, agora o que eu faço estou com onze pessoas quatro terão que ficar, vou levar no barco a criança de oito anos, o sacerdote, o deficiente físico, o estudante, o professor, o cientista e o operário, e as quatro pessoas que vão ficar é o pai da criança o político, a prostituta, e a senhora de 70 anos, foi uma decisão difícil de tomar, mas com tudo o que aconteceu chegamos a Salvador com sete pessoas apenas.

Redação 71299-0 – Decisões do Cotidiano

[1] A população mundial está vivendo um momento difícil. Pois a cada segundo tem que se evoluir para não ser deixada de lado e cair no esquecimento. A grande maioria luta para acompanhar o desenvolvimento mundial e social, tendo que buscar ao máximo seu desenvolvimento intelectual.

[2] Salvar o menino seria salvar o futuro mas sem o seu pai ele não conseguiria continuar Levar a prostituta e não levar o sacerdote para tentar reverter sua situação, seria uma injustiça. [3] E o estudante não teria o término de seu estudo sem o professor. O operário com certeza teria uma família para sustentar não desmerecendo os outros que são importantes também.

[4] O cotidiano é envolvente pois um precisa do outro para batalhar e ter um sucesso bom e feliz.

[5] E as desigualdades sociais que são os problemas mais constantes sendo que valorizam só a parte intelectual e não a pessoal e moral que são importantes.

Redação 37897-6 – O Navio à Pique

[1]O homem de hoje em dia, usa tecnologia muito avançadas, mais não são totalmente seguras e falham.

[2]O navio que está em auto-mar está prestes à afundar. Como sou o capitão, preciso escolher rápido as pessoas que irei salvar, nele contém 11 pessoas, 11 vidas à bordo, as quais terei que escolher para salvar, apesar de ter somente um bote salva vida, nele cabem 7 pessoas, irei salvar o menino, o pai, o cientista, o professor, o operário, o estudante, e o deficiente.

[3]Todos tem direito de viver, às vezes, situações, desesperadoras como esta nos impõe escolher cruelmente.

Redação 34345-5 – “Desastre em alto mar”

[1]Após constatar uma serie de avarias no casco do navio, o capitão John Carter comunica a um de seus passageiros o sacerdote Eurico que não há alternativa, a não ser, abandonar o Cool como era chamado o navio.

[2]Enquanto John e Eurico decidem que medidas tomar, no convés um garotinho de uns 8 anos brinca alegremente com seu pai. John quase em desespero confessa a Eurico que só a lugares para sete passageiros. [3]Então o sacerdote logo exclama – mulheres e crianças primeiro !

[4]Infelizmente não é assim que funciona diz o capitão. Primeiro estamos em alto mar, a quilometros da costa e depois não sabemos o tempo que ficaremos a deriva. Sendo assim mulheres e crianças não resistiriam. [5] Eurico assustado diz – então devemos condenar aquele doce senhora e a fogosa prostituda que acompanha o senador ou ainda a dedicada professora que cuida de uma pessoa deficiente. [5] Teoricamente sim! [6] Responde ele.

[7] Após uma análise rápida o capitão escolhe seus passageiros que com ele e o sacerdote abandonaram o navio.

[8] Com eles vão seu tripulante o operário da casa de maquinas um cientista que fazia um estudo oceanografico com seu aluno e o jovem pai que viajava com seu filho.

[9] Sem alardes preparam-se e logo lançaram o bote ao mar abandonando junto com o Cool o demais passageiros que se quer sabiam se ficariam ali para sempre.

Redação 30172-8 – O Nalfragio

[1]Bom eu sou o capitão então iria ver primeiro essa opção se o navio iria afundar levaria no minimo 2 barcos salva-vidas e também levaria salva-vidas para todos os tripulantes desta navegação.[2] Mas como saímos com atrazo e esquecemos de ver este grave problema então iria salvar. [3] Primeiro damos prioridade a deficiente fisico que é paraplégico, em segundo a criança, em seguida viria o estudante, logo em seguida viria o cientista, o professor, o político e por último eu que sou o capitão o comandante da navegação.

[4] Bom iria procurar uma ilha mais perto para deixar meus tripulantes e tentaria voltar no local do naufragio para buscar o resto dos tripulantes se teria alguém vivo ainda porque estaria de salva-vidas e certa mente estariam com vida.

[5] Certa mente alguns tripulantes que ficariam em alto mar iria tentar acompanhar o barco salva-vidas para tentar sobreviver por que ninguém quer morrer assim.

Redação 35259-8 – A escolha certa

[1] O navio está em alto-mar, nele estão viajando 11 pessoas, que estão prestes a afundar, o capitão tem em seu bote salva vidas apenas sete lugares, pois terá de escolher apenas sete tripulantes que salvarão suas vidas, uma escolha ardua e delicada.

[2] O capitão escolheu as sete pessoas: a criança e seu pai, o politico, o deficiente físico, um estudante a senhora e o professor.[3] Para todos tinha sua explicação.

[4] A criança, pois tem seu futuro e o seu pai, para ajudar a construir. O deficiente e a senhora, não conseguirão se salvar de outra forma, o estudante tem muito que aprender e o professor muito que ensinar. [5] E o politico, tem pela frente melhorar seu pais.

[6] Assim foi escolhida as sete pessoas que conseguiram se salvar, os quatro tripulantes que não foram escolhidos, não registaram nas águas geladas, ate o resgate chegar.

Redação 35259-4 – Chegou a nossa vez

[1] Um certo dia foi feito uma viaje em um navio, em alto-mar, passando dias, meses, até que uma certa hora, o navio começou a querer a fundar.

[2] Haviam dentro do navio 11 pessoas, 1 criança, na qual 1 era paraplégico, 1 senhora de 70 anos. [3] Começou a hora que todos achariam que não iriam salvar mais, ninguém acreditava mais.[4] Até que o Capitão falou eu tenho 7 lugares no barco salva-vidas, só 7, mas i o resto como vai ficar, não sei.[5] Como é o capitão que decidia, foi feito uma reunião.

[6] O capitão decidiu que iria tirar o paraplégico e o resto faria um rateio dos outros 6 lugares, mas ninguém concordou com a idéia do capitão, então foi dito que se fizesse uma votação novamente, porém, ficou decidido que como tinha 7 lugares no salva-vidas, levariam o menino, a senhora, e o paraplégico, como eles achariam que não existio o barco salva-vidas, eles fizeram uma reunião entre eles e decidiram que chegou a nossa vez.

Redação 20639-3 – O Navio Naufragou

[1] Para salvar essas pessoas não seria uma tarefa tão fácil, mesmo sabendo que o mar sempre engana, mas sabendo que o professor que está no navio é um

profissional em natação ele dá aula seu aluno também está junto os dois são salvas da praia de Copacabana, pediria que cada um levasse uma pessoa junto.

[2] Levassem a criança de oito anos, pois facilitaria o trabalho pois é leve e pequena não iria atrapalhar e o cientista que mede apenas um metro e quarenta centímetros e seu peso é muito pouco.

[3] A habilidade do professor e seu aluno, é capaz de salvar essas duas pessoas.

[4] As outras sete pessoas não iriam se salvar se minha escolha não fosse essa, pois além de ter uma idosa, deficiente físico o pai da criança está muito doente o sacerdote já é um pouco velho e as outras pessoas com um porte físico incapazes de o professor e o aluno levarem.

Redação 08770-0 – Pequeno grande barco

[1] Um pequeno navio em alto mar, contendo apenas onze passageiros, sendo um a criança com seu pai, um político, um sacerdote, uma prostituta, um deficiente físico, um cientista, um operário, um estudante, uma senhora de setenta anos e um professor. [2] Estava prestes a afundar notei logo que aproximo com meu pequeno barco, nele só cabe sete pessoas contando comigo. [3] Muito apavoradas sentindo que em poucos minutos perderiam suas vidas, imploravam por socorro. [4] Pedi que mantessem a calma, e ia salva-las. [5] Então primeiro salvei o menino porque tinha apenas oito anos e uma vida toda pela frente. [6] O cientista uma pessoa de muitos conhecimentos seria muito útil ainda para o desenvolvimentos de projetos. [7] O sacerdote para que continuassem a pregoar a religião mantendo paz e respeito moral entre os indivíduos. [8] O professor figura importante para nos passar conhecimentos. [9] O operário para que continuasse através de seu trabalho no desenvolvimento do nosso país. [10] E o deficiente físico, o mais calmo, paciente de todos, mostrava grande inteligência, notei logo em poucos minutos de conversa, isso me ajudaria a fazer a viagem de volta bem mais tranqüila e a salvos.

Redação 11943-1 – “Viajem a Portugal

[1] Uma viagem pelo oceano Atlântico com objetivo de chegada em Portugal. Onze pessoas saíram de sua terra natal (Brasil).

[2] O navio com pouco luxuria e condições de navegações inadequado devido o tempo de uso e a má conservação de seu casco e compartimentos. [2] Durante sete lindos dias, com belas imagens de animais ao lado do navio nadando com tranquilidade.

[3] No oitavo dia, o tempo mudou do lindo céu azul com muito sol para um cinza com raios e trovões. [4] O mar estava bravo, com muitas ondas e ventos.

[5] Com essa ondas o casco rompeu inundando o compartimento inferior da proa. [6] Assim condenado, não teria mais chances apenas o naufragio. [7] Com apenas um bote sete pessoas sobreviverão. [8] Uma criança e seu pai, que estava à acompanhala, o sacerdote foi junto, todos queriam dar sua vaga ao sacerdote, pos

falaram que ele é o “Representante de Deus”, a prostituta e a senhora de setenta anos por serem mulheres e a idade também tinham preferência, um deficiente físico que se ficasse no navio não teria nem chance de lutar por sua vida e um estudante que era jovem e também poderia achudar a remar.[9] Os cinco que ficaram provavelmente morreram pois nunca foram achados. [10] Era eles um político, um cientista que ficou tentando fazer algo para o navio não ir ao fundo, junto com um operário e um professor que palpitava sobre a solução e o que queria ser o último a sair do navio, o Capitão que morreu em seu convez.

Redação 10545-7 – (Sem título)

[1]Certa viajavam em um navio onze pessoas, as quais buscavam um momento de paz e tranquilidade.

[2]O roteiro era simples, viajar uma semana em alto mar.

[3]A escolha pelo navio foi feita pela amizade e conhecimento pelo seu capitão.

[4]Após dois dias de viagem, os tripulantes já estavam “vivendo em outro mundo”, haviam esquecido todos os problemas que os cercavam.

[5]No terceiro dia de viagem como já era de costume, antes mesmo do dia nascer eles estavam acordados. [6]Eram nove horas da manhã, um estrondo acabou com a calma dos mesmos, o capitão fez com que a calma fosse mantida, e mais que depressa deceu até o porão. [7]Chegando lá pode ver que uma grande quantidade de água estava entrando no navio. [8]Sabia ele que só havia um barco salva vidas; só sete pessoas iria escapar.

[9]A escolha foi feita pelo capitão, mulheres e crianças primeiro e assim foi feito.

[10]Restaram um político, um sacerdote, um cientista e um operário.

[12]O resgate dos sete tripulantes foi feito ao final da tarde, e os mesmos então puderam contar o fato ocorrido. [13]Ao capitão não restou outra coisa a fazer senão afundar junto de seu navio.

Redação 57027-4 – (Sem título)

[1]Velejava em direção a costa quando me deparei com aquela tempestade.

[2]Apenas com onze passageiros e sem tripulação me vi em uma grande fria.()

[3]Ao perceber a situação um sacerdote, que junto viajava veio reportar em nome do grupo. [4]Dissendo que todos estavam com medo, expliquei-lhe a situação e toda a minha experiência em tempestade. [5]Perguntou-me, dos procedimentos nestas condições. [6]Expliquei que o barco tinha todos os equipamentos, para esta situação, apenas precisava da cooperação de todos. [7]Tendo em vista que tínhamos crianças e mulheres envolvidos.

Redação 27859-9 – A Viagem

[1]Seria mais uma simples viagem se não terminasse em tragédia. [2]Pois por falta de segurança muitas pessoas perderam a vida.

[3]Estávamos em onze pessoas entre crianças e adultos naquele navio em alto-mar. [4]Quando de repente, começa a afundar e deparamos com uma coisa absurda, um numero insuficiente de barco salva-vidas.

[5]O que fazer? [6] Quem salvar? [7]Decisão difícil mais que precisa ser tomada rápida.

[8]Primeiro colocamos a criança, depois o pai, o sacerdote, o deficiente físico, o estudante, a senhora de 70 anos e a professora, pois acreditávamos que elas iriam lutar para combater essa falta de segurança e salvar novas pessoas.

Essa tragédia podia ter sido evitada se não fosse o descaso pela segurança.

Redação 17293-6 – Naufrágio no Pacífico

[1]Um navio navegava em alto-mar tranqüilamente nas águas do Oceano Pacífico, madrugada fria, somente uma brisa balançava a bandeira no mastro. [2]Parecia uma viagem maravilhosa, até surgir o inesperado.

[3]Ninguém acreditava o que estava acontecendo, parecia um sonho. A tripulação estava em pânico, logo são informados que a navio vai afundar, pois acaba de explodir o motor e abre-se uma rachadura no casco do navio.

[4]Viajavam 11 pessoas, só tinha um barco salva-vidas para 7 pessoas. Eu tive que escolher entre os 11 tripulantes quais entrariam no barco salva-vidas, sendo capitão eu tinha essa missão a cumprir. [5]Escolhi por ordem de chegada não tive outra opção. [6]Primeiro um menino, seu pai, uma prostituta, um deficiente físico (paraplégico), um operário, um professor e uma senhora de 70 anos. [7]Foi terrível ver os outros que se afogaram, dos quais um era sacerdote, outro político e um cientista. [8]Foi tão rápido a operação de salvamento que não daria para escolher se fosse o caso.

Redação 50942-8 – O Naufrágio

[1]Estando em pleno veirão, prestes a partirem para uma viagem em um cruzeiro no atlântico sul os passageiros abordo estavam empolgados com o passeio, mas no meio da queelas onze pessoas abordo do navio, uma delas recebeu uma espécie de aviso ou premonição de que o navio iria naufragar, mas ninguém deu muita importância para o que disse simplesmente porque se tratava de um (paraplégico) e então seguiram viagem ironizando-o. [2]Então se passaram dois dias, até que escureceu em auto-mar e ocorreu uma orrível tempestade e a embarcação começou a inundar, apartir daí tudo se tornou um grande pesadelo principalmente para o capitão que tinha total responsabilidade sobre o navio, depois de algumas horas de tempestade, observou que iria naufragar e comunicou aos tripulantes, e avisou que poderiam ir apenas sete pessoas para o bote salva-vidas, sendo que havia criança, senhora, deficiente físico, pessoas que jamais sobreviveriam à tal situação pensando nisso, falou para os demais tripulantes que

iria salvar os mais impossibilitados, que seriam uma senhora de setenta anos, um deficiente físico, uma criança e seu pai, um operário e um sacerdote que não sabia nadar e claro ele próprio, pois não conseguiriam chegar a lugar algum sem o capitão. [3]E os demais tripulantes que ficaram no naufrágio não se desisparam nenhum pouco pois no fundo eles sabiam que de alguma forma eles iriam ser recompensados por tal ato de companherismo.

Redação 24095-8 – A escolha

[1]Eu não tenho o direito e o poder de decidir quem vive ou quem morre, mas neste caso especial terei de fazer uma escolha.

[2]Ao meus sete felizardos são: A criança de 8 anos, o pai dela, o deficiente físico, o professor, o estudante, a velhinha e eu naturalmente. [3]Porque da minha escolha, talvez tenha sido preconceituosa nela, mas levando em conta que: De políticos já estamos fartos e um a menos quem sabe até ajude se ele for corrupto e claro; A prostituta estava com aids então quantas pessoas eu salvei de serem contaminadas. [4]O operario coitado estava ferado, sem emprego cheio de dividas, não tinha família, eu só dei um empuranzinho. [5]O sacerdote pediu para ir no lugar da velinha de 70 anos, e o cientista infelismamente não tinha mais ninguém para matar.

[6]Escolhi o menino de oito anos (e o pai), porque toda criança tem direito a vida, e com a ajuda do pai e do professor ele no futuro poderia quem sabe substituir o cientista e eu tive de sacrificar.[7] O estudante porque o nosso futuro esta ai. [8]A porque é sempre bom ter alguém esperiente por perto para equilibrar as coisas. [8]E eu e claro porque neste mundo onde vivemos infelismamente temos muitas vezes de sermos egoístas e fazer escolhas certas ou erradas. [9]E só eu sabia o caminho.

[10]Foi justa, injusta, não sei, mas quem vai julgar?

Redação 53807-7 – O Resgate

[1]O mar estava agitado,(,) com grandes ondas, e um grande temporal, com tamanhas ondas o barco do capitão Algusto não suportou, sofrendo avarias eu seu casco, tendo assim pequenas rachaduras dando-lhes pouco tempo à bordo, pouco mais de três horas.

[2]O capitão com apenas um bote para sete pessoas não teve duvida e mandou o mais rapido possível para buscar ajuda o professor, o pai com sua criança no colo, a prostituta, a velha senhora, o sacerdote e o deficiente físico com seu maior amigo, um cientista.[3] Restando assim somente o capitão, um operário e um político.

[4]O bote salva vidas conseguiu chegar ao litoral e mandar um helicóptero para o resgate dos outros três ocupantes do navio, salvando-se assim todos que ali aguardavam ajuda.

**Redações elencadas entre -18 e -28
da média do desempenho das redações do
Vestibular de Verão Acafe 2003**

Redação 22069-8 – Capitão Deus

[1]Estava navegando entre o continente e a ilha.[2] Levava comigo onze passageiros.[3] Todos ansiosos para chegar a festa da Padroeira.

[4]Já em alto-mar, o céu escureceu e a chuva caiu forte.[5] O navio chocou-se com algo e o casco rasgou, entrando rapidamente água.[6] Estava afundando. A única saída era o barco salva-vidas. [7]Mas apenas sete cabiam no barco. [8]Escolhi o sacerdote para me ajudar nas decisões, pois ele é um sábio a serviço de Deus. [9]Uma senhora de 70 anos resolveu ficar por se julgar velha, a mesma atitude teve um paraplégico, dizendo-se infeliz com suas condições.[10] Decidimos por salvar uma criança de 8 anos que estava acompanhada de seu pai, este ficou, desejando sorte ao filho e que cuidasse da família quando crescesse.[11] Optamos por salvar um professor e seu aluno, que juntamente com um cientista faziam pesquisas e projetos na região.

[12]Restavam ainda: a prostituta, o operário e o político. [13]O último todos concordavam em deixar no navio, pois só dava as caras quando era de seu interesse. [14]Por fim, quem juntou-se a nós foi o operário, trabalhador honesto, com sua família para cuidar. [15]A prostituta ficou, aos prantos, sabendo que devido a vida que levava, não nos restava outra escolha.

[16]Barco salva-vidas ao mar, eu e os outros seis assistimos ao naufrágio do navio. [17]O sacerdote rezou pela alma dos que ali ficaram, o garoto chorou a morte do pai, o professor, o estudante, o cientista e eu ficamos chocados com o fato. [18]Enquanto conduzia o barco até a ilha, desejei nunca mais ter que ser Deus.

Redação 12316-1 – A Nova Arca de Nóe

[1] O mundo atual é um imenso barco prestes a naufragar.[2] Sabemos, no entanto, que os botes são poucos e apenas sobrevivem os que tem mais chance.

[3] Se a mim fosse dada a cruel honra de escolher os sobreviventes, creio que saberia selecionar os, digamos, “úteis” à bela e quase extinta sabedoria. [4]Salvaria o político: nada pode ficar em ordem quando não há quem arrume a “casa” (isto é, falando dos bons políticos, é claro). [5]Traria com vida o cientista: a ciência é a maior arma da humanidade.[6] Levaria ao bote o operário: é graças ao suor deles que o país vive. [7]O professor também viria comigo: a alma da educação está em cada letra que ele ensina.[8] O deficiente físico teria lugar garantido: são eles os maiores e melhores exemplos de luta da história. [9]A guerra deles é de paz.[10] E quem poderia negar a vez a uma criança?[11]

[12]Afinal, é na mente e no sorriso desses pequenos que germinará a semente do futuro. [13]Finalmente, jamais teria coragem de deixar a deriva uma senhora de 70 anos. [14]O nosso presente foi o passado dela.

[15]Seria crueldade dizer que os outros quatro tripulantes não mereciam ser salvos. [16]Porem, vejam só: se salvássemos o pai da criança, com certeza teríamos que deixar o político; se salvássemos o sacerdote, teríamos que deixar o cientista; se a prostituta fosse salva, ficaria o operário; se levassemos o estudante, bem, com certeza o professor não ficaria.[17] É a inevitável sina dos brasileiros: “come primeiro quem tem os dentes mais fortes”.

Redação 55828-6 – Naufrágio

[1] Era manhã de sete de Dezembro de 1983, o sol estava nascendo na Ilha de São Domingos.

[2]Um grupo de pessoas esperava uma escuna para levá-los a um passeio até uma das ilhas próximas à São Domingos.

[3]Era um grupo bem diversificado de pessoas, que se pudessem, dificilmente viajariam juntos, não havia homogeneidade no grupo.

[4]O capitão, um padre, uma prostituta, uma criança de 8 anos, seu pai, um deficiente físico, uma senhora de 70 anos, um professor, um operário, um cientista, um político e um estudante formavam o grupo. [5]Apesar das diferenças o grupo estava ansioso pelo passeio.

[6]No cais, o capitão foi informado que o tempo fecharia naquela manhã, mas resolveu dar prosseguimento ao passeio, não alertando as pessoas.

[7]Após uma hora e meia de viagem, começou a chover. [8]Primeiro uma chuva leve, com pouco vento.[9] Mas, aos poucos, ela foi aumentando sua intensidade, tornando-se, em questão de minutos uma tempestade

[10]O grupo estava assustado, estavam em alto mar e ninguém ali já havia passado por uma experiência deste tipo.

[11]Ondas muito grandes começavam a atingir o barco. [12]Muita água se acumulava no convés e já havia muita água também nos porões no barco.

[13]O capitão, temia pelo pior, seu erro ao dar continuidade ao passeio poderia custar muito caro. [14]O barco poderia a qualquer momento começar a afundar.

[15]Quando ele tentava manter o barco inteiro, o grupo se reuniu numa das cabines, para buscar segurança. [16]Eles não perceberam que o barco começou a afundar.

[17]Após horas de tempestade, a chuva acalmou, porém não parou. [18]O barco, não resistiu e lentamente começou a afundar.

[19]O capitão decidiu levar as pessoas ao salva-vidas, mas ao chegar ao barco de salvamento.[20] Notou que caberia apenas 7 pessoas, e eles eram 12, contando com ele mesmo. [21]O seu maior temor acontece.[22] Ele teria que decidir quem vai e quem fica.

[23]Ele decide que a criança de oito anos e o pai serão os primeiros, pois não adianta salvar a criança apenas e deixá-la sem o pai.

[24]A prostituta vem em seguida, afinal, pensa ele, uma mulher pode ajudar a cuidar da criança.

[25]O professor e o estudante vem em seguida, pois para o capitão, um é mestre no ensino e o outro pode vir a ser um grande cientista no futuro.

[26]O operário vem em ajuda às outras pessoas, pois dependendo do lugar onde eles forem parar, ele pode ajudar a construir um abrigo.

[27]Por fim o sacerdote, o capitão acha que o grupo deveria ter Deus e seu representante junto ao grupo.

[28]O restante do grupo ficará no barco, infelizmente para eles, não havia lugar.

[29]Mas e o capitão?? [30] Por que não foi??

[31]Bom, neste caso, ele preferiu salvar aquelas pessoas, e em nenhum momento pensou em si mesmo. [32]Decidiu que deveria pagar pelo erro de enfrentar a natureza.

Redação 42781-0 – Relatório de um naufrágio

[1]Embarcaram em um navio 11 pessoas, as quais não sabiam seu destino. [2]Entre elas estavam uma criança e seu pai, onde no local de desembarque sua família os esperavam, um político que estava indo à um congresso, um sacerdote e um estudante que iriam estudar, um deficiente físico que iria fazer alguns exames, um cientista e um professor os quais iriam lecionar em universidades diferentes, um operário o qual estaria indo fazer um curso para sua empresa e uma senhora que aproveitava viajar logo ter se aposentado. [4]Estas pessoas não imaginariam o que aconteceria neste percurso. [5]Não sabiam que um grande acontecimento estaria por vir e quem decidiria o rumo de suas vidas seria eu, o capitão.

[5]Uma válvula escapou, a água começava entrar e mais do que depressa cabia a mim colocar os passageiros no salva-vidas com somente 7 lugares. [6]Comecei colocando a criança por primeiro e seu pai para acompanhá-la.[7] Logo o deficiente físico e a senhora, os quais não poderiam nadar. [8]O estudante e a prostituta em seguida porque eram jovens. [9]O político e o cientista porque eram necessários em suas cidades. [10]Conseguimos colocar 8 pessoas, pois a criança ainda era pequenininha.

[11]Felizmente achamos uns salva-vidas infláveis, para agüentarem até o outro barco vir. [12]Eles tinham depositado a mim confiança de viajarem seguros, era minha obrigação tentar salvar o máximo número de pessoas.

[13]Hoje todos estão vivos e bem e estamos fazendo um almoço beneficente para as famílias que perderam entes queridos em naufrágios, onde capitães não tiveram a mesma sorte que eu de salvar sua tripulação.

Redação 51137-9 – Sobrevivência

[1]Na luta pela sobrevivência todos lutam, gritam e buscam com argumentos formas com soluções para que haja um bom resultado. [2]Mas nesse momento que estamos em alto mar devo tomar decisões onde todos possam se salvar.

[3]Decido então passar o pai e o menino para continuar a família unida para o bote, único meio p/ sair dali. [4]Logo a seguir, deixo ir a senhora de 70 anos e político, pois tem conhecimento e grandes idéias, o estudante com sua vontade de prosseguir e construir, o paraplégico com sua grande percepção, o sacerdote para tranquilizar e trazer paz para o bote, e assim seguem buscando lugar seguro.

[5]Fica no navio a prostituta, com suas dificuldades, sabe como ganhar o pão de todos, o cientista pois com suas grandes idéias fica para criar soluções p/ o navio, o operário passa a ajudar com seus braços fortes as soluções o cientista e eu continuo a comandar o navio.

[6]E assim fico torcendo para que todos se salvem, pois nunca sabemos como será o amanhã, vivemos sobrevivendo e não vivendo pois buscamos com dificuldades soluções para o dia-dia, mas a paciência, luta e o tempo é o melhor remédio.

Redação 02189-0 – A mais dura prova

[1]Estávamos há horas em alto mar, com problemas no casco do navio. [2]Aquele problema que, de início, não pareceu tão grave quanto realmente era, fez com que eu tivesse que pôr em prova todos os meus conceitos, crenças e importâncias.

[3]Ao todo éramos doze pessoas. [4]Eu, mais onze que passavam suas férias em minhas mãos. [5]O navio já havia começado a afundar, a água já tomara conta dos quartos que ficavam em baixo.

[6]Tínhamos um bote salva-vidas, que tiraria dali sete pessoas, deixando outras cinco para trás. [7]Comecei meu julgamento, o melhor a fazer seria decidir, sem perguntar, e foi o que fiz. [8]Minha primeira escolha foram um garoto e seu pai, os quais ainda tinham muito para aprender e mais ainda para viver. [9]Depois, o estudante e o professor. [10]Eles sabiam o bastante para levar em segurança as outras pessoas. [11]Em seguida, o operário, mesmo não sendo tão culto, era honesto, trabalhador e merecia viver, assim como o deficiente, que era jovem, já tinha passado por mal-bocado o suficiente, - isso bom se via. [12]Decidi dar-lhe um lugar, assim como também ao cientista, este que poderia ainda vir a contribuir para o mundo.

[13]Mandei que estes entrassem no bote, sem explicações, dei instruções, coordenadas e eles seguiram.

[14]Ao final, ficamos eu, um sacerdote, um político, uma prostituta e uma senhora de seus 70 anos.

[15]Confesso que fui egoísta quando decidi não mandar o sacerdote, mas eu sabia que ele em sua lucidez seria o único capaz de confortar a mim e os outros, assim que soubessem que agora iríamos todos morrer.

[16]E eu seguiria um lema, que até àquele momento nunca havia entendido tão bem: “um capitão deve afundar com o seu navio”.

Redação 01758-2 – Angústia em Alto Mar

[1]Já que não há como evitar o naufrágio, tenho uma dura e árdua, porém importante e inevitável tarefa à realizar: escolher quem vive, e quem morre.

[2]As pessoas que aqui se encontram, são importantes vidas para Deus, logo merecem viver, porém não é possível, devido à situação encontrada.

[3]Penso então, em salvar primeiramente à criança, sendo que ela tem uma vida inteira pela frente; seu pai, pois a criança não suportaria à separação de seu amado protetor.

[4]Também, o estudante, sendo que este também tem um futuro para brilhar, sendo talvez figura importante mais à frente. [5]Seria descortês de minha parte e muito dolorido, não pensar na senhora de 70 anos, lembrando de minha amada avó, tão doce e delicada, para salvá-la e não fazê-la sofrer mais ainda devido à esta catástrofe.

[6]O sacerdote foi escolhido para ir junto à estas pessoas ao barco, pois Deus o guiará e fara ele confortar e acalmar os corações já atormentados, dando paz e segurança.

[7]Como não poderia deixar de ser, o deficiente físico, já sofrido devido ao seu problema merece também seu lugar ao barco, mas e agora? Resta somente uma vaga. [8]Que farei eu?

[9]Todo bom capitão naufraga com o seu barco. Isto eu sei e farei.

[10]Mas, e os que restam? [11]Há entre eles uma mulher, mesmo que sendo prostituta, ainda assim mulher. [12]Então será ela mesma, pois os que restam, são já vividos, e concretizados na sua existência.

[13]Não pude salvar a todos, mas pude deslumbrar a concordância e aceitação das decisões por mim tomadas, por parte de todos.

[14]E a vida segue...

Redação 10251-2 – Desespero em alto-mar

[1]Trinta de setembro de dois mil, a ansiedade persiste entre onze pessoas que navegarão pelos mares oceânicos. [2]Todos estão ansiosos, pois esta é uma viagem muito esperada. [3]A bordo, vão felizes admirando a bela natureza e usufruindo dos mais belos requintes do navio. [4]Nele, possuí, uma criança de 8 anos juntamente com seu pai, que vai visitar sua mãe; um político, fugindo por forjar toda uma população; um sacerdote indo para um congresso missionário; uma prostituta que conseguiu emprego em uma ótima boate, um deficiente buscando recursos para se tratar, um cientista buscando uma planta necessária para um engenho, um operário que conseguiu um ótimo trabalho, um estudante que fará intercâmbio, uma senhora de setenta anos, desfrutando dos últimos prazeres que a vida oferece e um professor que dará aula em uma ótima universidade.

[5]Tudo parece tranquilo e calmo, porém na manhã seguinte o mar está agitado e uma tempestade está por vir.

[6]O capitão, avisa que o navio é fraco e não irá resistir a tempestade, todos se apavoram e entram em pânico. [7]O capitão pede ajuda, mais não há tempo

suficiente. [8]E o maior problema, só tem sete salva vidas, os quais mais necessitam se salvarão. [9]Então é decidido, vai a criança e o pai, o deficiente, o estudante o cientista, o sacerdote e o professor. [10]O desespero dos outros é imenso, mais tinha que ser assim. [11]O sonho virou um grande pesadelo. [12]Os setes tripulantes seguem com seus salva vidas e os outros ficam no navio a espera de um milagre. [13]O navio vai afundar e os quatro que estão no navio entram em pânico, dois pulam, nadam um pouco e chegam eufóricos em uma ilha. [14]Estes depois de algum tempo são encontrados por um helicóptero, e os outros dois, nunca mais foram encontrados.

Redação 54441-1 – A Difícil Decisão do Capitão

[1]Um navio, encontra-se em alto-mar. [2]Esse com pessoas de várias idades e estilos de vida, está prestes a afundar. [3]O capitão do navio está em pânico, pois tem um problema e tende de resolvê-lo logo, pois lhe resta pouco tempo.

[4]Viajam, no navio, onze pessoas: uma criança e seu pai; um político; um sacerdote; uma prostituta; um deficiente físico; um cientista; um operário; um estudante; uma senhora de 70 anos e um professor. [5]Todos apavorados com o que estava acontecendo, já imaginando o pior.

[6]O navio possui apenas um barco salva-vidas, e este com capacidade de apenas sete pessoas. [7]O capitão precisa decidir quem irá salvar. [8]Ele pensa em várias maneiras: sorteio, idade, situação econômica, em fim, não sabe quem escolher.

[9]Ele resolve salvar, então, a criança com o pai, pois achava triste uma criança se separar de seu pai tão nova; o deficiente físico, já por ser discriminado pela sociedade, naquela ocasião teria preferência; o operário, pois, possuía uma família, e tinha que trabalhar para sustentá-la; o estudante, que estava cursando uma faculdade e que teria uma vida inteira pela frente; o cientista, que ao sair dali, poderia inventar um navio que não naufragasse; e por último salvaria a senhora de 70 anos, que mesmo sendo velha, tinha sua vida, e ainda, poderia viver muito.

[10]Após todos embarcarem no salva-vidas, o capitão foi até a ponta do navio e se joga em alto-mar.

Redação 71738-0 – O valor da vida

[1]Não foi a muito tempo. [2]Ainda me lembro muito bem daquele dia. [3]Era mais uma tarde de verão e o passeio turístico seria inevitável. [4]Eu como Capitão, e uma tripulação não muito grande; apenas 11 pessoas. [5]Viajariamos por toda a costa do Rio de Janeiro. [6]Tudo parecia muito bem, até que uma grande tempestade começou a nos atingir. [7]Eram ondas gigantescas, e confesso, naquele instante senti-me incapacitado. [8]Comecei a observar a imensidão daquele mar e o quanto somos impotentes diante de situações que, quase sempre, sobrevêm inesperadamente. [9]Quanto mais tentava controlar aquela navegação, mais ela se chocava contra as enormes ondas, sendo, aos poucos, despedaçado.

[10]O barco salva-vidas estava ali, e, observando o seu limite de capacidade, vi que não daria para todos. [11]Encaminhei, em primeiro lugar, uma criança de

apenas 8 anos, lembrando-me do futuro que a esperava. [12]O pai que exaustivamente dela cuidava não poderia ser agora esquecido. [13]Um homem parapléxico seria uma atitude de covardia deixa-lo morrer sem, se quer, poder ter uma chance de lutar pela vida. [14]Também Tiago, o estudante de apenas 16 anos, que veio, em toda a viagem até a cabine, relatar os seus sonhos e anseios em relação à sua vida profissional. [15]Havia uma senhora de 70 anos que, provavelmente teria muito ainda o que ensinar às pessoas. [16]Observei também, que durante a viagem uma prostituta ouvia conselhos de um sacerdote, por isso resolvi encaminhar ambos para o barco, mas para surpresa minha, aquele sacerdote negou-se a entrar, alegando já possuir uma vida eterna e essa oportunidade estava dando a mim. [17]Com esse gesto comecei a entender a vida não como algo passageiro, mas como algo que tem que ser cultivado. [18]”O que importa salvar o mundo todo e perder a sua alma?”

Redação 42490-0 – Diário de um Capitão

[1]Estávamos nós, em alto mar, em um navio, como de costume, é claro, o que acontecia sempre, uma após outra viagem.

[2]Era um dia comum, como qualquer outro. [3]O sol estava radiante, ótimo para quem estava em auto mar e afim de curtir as belezas naturais. [4]Estávamos em 11 tripulantes e eu (o capitão). [5]Tinha tudo para ser uma ótima viagem.

[6]A noite caiu, e uma tempestade se aproximava, mas tudo corria bem, até que...

[7]Houve um problema com o navio, não sei ao certo o que, mas temos jogar o bote salva-vidas, temos pouco tempo, umas 2:00 hs.

[8]Jogamos o bote, mas tinha um problema...eram 11 tripulantes e o bote levaria somente 7 pessoas, não suportaria mais que isso. [9]Foi que tive de decidir quem iria e quem esperaria o para afundar comigo.

[10]Primeiro a criança, pelo fato de ser criança e ter uma vida toda pela frente. [11]O pai da criança, pois quem iria cuidar dele, até atingir a maioridade. [12]Faltando um pai, faltaria tudo. [13]O sacerdote, pois era o único pároco de um dos vilarejos mais secos do nordeste, o único a sacrificar-se por aquelas pessoas. [14]O_cientista, pois estava indo em busca de uma erva para a cura do câncer. [15]Não poderia barrá-lo em brilhante ato para a humanidade. [16]O operário, por ter 3 filhos e a mulher cega para sustentar. [17]O estudante, pelo fato simplesmente de ser estudante. [18]O professor, pois foi um professor, que um dia, numa sala de aula, me orientou para chegar até aqui, “ser capitão”.

[19]E assim foi feito. [20]Os outros passageiros entenderam os meus motivos e esperariam comigo o navio afundar.

[21]-Faltam somente alguns minutos, tenho que encerrar, as folhas já estão molhando...

[22]-É o fim...

[23]Capitão Edvard.

[24]01 de dezembro de 2002 – (encontrado em auto mar)

Redação 31357-2 – Batalhas da Vida

[1]Em alto mar iniciou o grande pesadelo...[2]Ondas imensas, tempestade, o pavor da tripulação. [3]Íamos em rumo a vida nova, quando sem perceber caímos no triste desterro.

[4]Entre o sufoco, afeição, incertezas, devo decidir como salvar a vida das pessoas que em mim confiaram, ao embarcar no navio. [5]Ainda o pior, devo decidir quem vai para o salva vidas, e quem ficará... [6]Sabendo que todos precisam e querem viver, penso muito; primeiramente, dou oportunidade aos que possuem menor capacidades de salvarem sozinhos, quando o navio afundar.

[7]Como primeira ação, mando embarcar a criança e o estudante, que ainda tem a vida inteira pela frente, pouco fizeram e aprenderam. [8]Depois a idosa e o deficiente físico, estes dependem muito dos demais para sobreviver, finalmente ao sacerdote, o cientista e o professor para que eles continuem ajudando seus semelhantes, estes não concordam e, dizem que todos tem o mesmo direito à vida! [9]Então embarcamos todos, bem apertadinhos no salva vidas e vamos ao rumo que nossa fé em Deus nos levar.

[10]O tempo vai passando, o navio afundando e a tempestade se afastando, vamos conseguindo sobreviver até a chegada (tão esperada e solicitada) do outro navio resgate que chamamos.

[11]Conseguimos nos salvar a todos, chego a conclusão que ninguém merece mais viver do que o outro, além de alguns terem menores capacidades, perante à Deus somos todos iguais.

[12]Fomos enviados ao mundo com os dons que precisaríamos, um precisando da ajuda do outro para o melhor desenvolvimento e força unida.

Redação 40038-6 – As sete missões

[1]Dia de sol, parecia tudo tranqüilo para mais um dia de trabalho nas ondas das águas. [2]Mas, a longa viagem, foi interrompida por uma explosão na parte inferior do navio. [3]Pessoas correndo, aos prantos o pai procura pelo seu filho. [4]Deparei-me com uma situação inédita, mas, até esperada para um capitão. [5]O navio estava preces a afundar e os sonhos de muitos passageiros também, pois, haviam apenas sete salva vidas para onze pessoas e foi onde meu coração transformou-se em migalhos.

[6]Tive que escolher, não havia outra saída, o desespero estava quase tomando conta do meu juízo. [7]Decidi então, dar um ao menino de oito anos, que estava passeando com o pai. [8]Dei somente ao menino, pois, sua mãe estava os esperando em casa e ele é quem iria tomar conta de suas dores na ausência do pai. [9]Tornaria-se um grande homem. [10]O outro dei ao político, com a esperança de que ao lutar tanto pela sobrevivência, agisse de forma correta perante as necessidades do povo. [11]Entreguei em mãos ao estudante que ganhara a passagem em um concurso, com um futuro brilhante, e ao professor com entúido de ensinar aos seus alunos o quanto vale a vida. [12]Avistei a prostituta e dei-lhe um outro salva-vida para que ela visse que alguém se importa com sua vida e o

porquê dela não se importar? [13]Dei a volta no navio e achei os dois que estava procurando: - [14]O sacerdote para pregar as noções e levar o desacreditado deficiente. [15]Ao entregar os salva-vidas eles me perguntaram: - [16]Capitão o senhor não vai? – [17]Não, eu não vou (respondi). [18]Ficarei com a certeza de que não foram escolhidos por mim e sim porque tem uma missão a ser cumprida.

Redação 56459-5 – O Naufrágio

[1]Acabo de colidir meu navio com algo que não pude identificar, isso, danificou meu barco e estamos afundando. [2]A tripulação está apavorada, e o único barco que dispomos, oferece apenas 7 lugares para o salva-vidas, o restante deverá afundar.

[3]Gostaria de poder salvar à todos, mas não será possível...[4]Apresentarei a cada um, o motivo que me leva a salvar ou não, vou começar com os salvamentos.

[5]Salvarei a criança, porque está apenas com 8 anos e ainda não viveu nada; o sacerdote para que continue a estabelecer a ordem e os bons costumes; o paraplégico, porque chega de tanta discriminação; o cientista, porque a cada dia que passa está aprimorando as técnicas para desenvolverem a cura para os mais diferentes casos de doenças; o operário porque não trabalhou a vida inteira batalhando na sua sobrevivência para morrer deste forma; o estudante, porque há muito ainda para aprender, novas etapas à serem vencidas e por último o professor, que precisa continuar dividindo seus conhecimentos.

[6]Só peço à Deus, que me perdoe se estou cometendo algum tipo de injustiça mas, tive que escolher.

[7]Não levarei o político porque a “política” que a maioria usa não tem nada haver com a palavra contida no dicionário, a prostituta, apesar de não haver tantas opções de emprego, existe trabalho muito mais digno, a senhora de 70 anos, não que já está na hora, mais já passou muito mais coisas do que as outras, e finalmente o pai da criança, porque não tive outra opção senão escolher apenas 1 membro da família. [8]Que Deus nos abençoe.

Redação 71890-4 – Dificil Escolha

[1]Estávamos em alto-mar, chovia muito naquele dia, o céu estava preto, as ondas quebravam-se com voracidade, o nosso pequeno navio já não agüentava. [2]Eu tinha que tomar uma decisão, pois a nossa embarcação estava com uma rachadura.

[3]A cada minuto que passava, nós afundávamos um pouco e se ficássemos ali por mais algum tempo, morreríamos. [4]Mas tinha um pequeno problema, o navio tinha apenas um bote de salva-vidas, que cabia apenas sete pessoas, e no navio tinha onze pessoas. [5]Eu tinha a difícil tarefa de dizer que se salvaria e quem ficaria a mercê do mar. [6]Estava certo de que o primeiro lugar ia para a criança de oito anos, pois ela ainda tinha a vida toda pela frente.

[7]Um lugar já estava ocupado, faltavam ainda seis, o próximo era para o sacerdote, o outro era para o deficiente físico, pois este não tinha condições de

sobreviver ao mar turbulento, o seguinte era o estudante, o futuro da nossa nação. [8]O bote de salva-vidas já estava quase cheio; e o próximo era o professor, a pessoa que nos ensina para a vida; o seguinte era a senhora de setenta anos, eu não teria perdão se deixasse uma pessoa dessa idade ali; e o último era para o cientista, pois no futuro ele pode fazer grandes descobertas.

[9]As sete pessoas já estavam dentro do bote, as outras quatro e eu ficamos no navio, pois sabíamos que de algum jeito iríamos sobreviver. [10]Derrepente veio uma onda gigantesca e nos mandou para o fundo. Acordei, graças a Deus não passou de um sonho.

Redação 37036-3 – (Sem Título)

[1]Em uma bela tarde de domingo, capitão Jorge estava em sua casa de campo, com toda a sua família reunida e como fazia sempre (sua família) digo seus netos estavam lá começou a contar história.

[2]-”É meus queridos netos, vocês tem a vida inteira pela frente, terão que fazer escolhas que, com certeza vão ser decisivas em suas vidas e talvez na vida de outras pessoas.

[3]-Eu estava em mais uma das muitas viagens de minha vida, tudo estava indo perfeitamente bem, era um dia de domingo, até parecido com esse, muito bonito, não havia se quer uma nuvem no céu, seria uma viagem curta que era para durar dois dias.

[4]Em meu (b) digo navio havia uma pequena tripulação com 10 pessoas mais eu, uma cidade que não lembro o nome, enfim, me lembro bem de todas elas, tinha uma prostituta chamada Carmem, um político de pouca influência chamado João, um sacerdote, que inclusive foi meu amigo de infância chamado Clovis, o operário Pedro que estava com seu filho Lucas de 8 anos, também havia um cientista chamado Norton, que era meio maluco, uma senhora muito simpática de 70 anos chamada Lourdes, uma professora chamada Márcia, que parecia estar preocupada com alguma coisa e o estudante Robson que esta um pouco aprensivo, pois era sua primeira viagem em um navio.

[5]Naquele dia parecia que nada de mau poderia acontecer, mas, eu não sabia que as pessoas que faziam o reparo nos navio não concertaram uma rachadura que havia no casco, infelizmente aquela rachadura cresceu e quando vi a água estava tomando conta de tudo e enquestão de poucos minutos aprontei o barco salva vidas, mas havia um problema, só havia lugar para 7 pessoas, então oque fazer?

[6]Como não conhecia muito àquelas pessoas tive que fazer uma análise rapida de todas e decidi que Robson, o estudante, por ser tão jovem foi o 1º escolhido, como eu era religioso, o meu amigo sacerdote foi o 2º, eu não seria capaz de separar um pai do seu filho e o operário e seu filho foram escolhidos, como gostei da senhora a escolhi, chamei os escolhidos e falei que eles deveriam escolher os outros, mas falaram que eu era o capitão e eu deveria tomar a decisão. [7]Não sei porque mas escolhi a professora e o deficiente. [8]Infelizmente nem todos puderam ser salvos. [9]Hoje sou amigo de todos os sobreviventes, mas não me sai da cabeça a imagem daqueles que lá ficaram.

Redação 12113-4 – Nas pequenas decisões os grandes desafios

[1] Vivemos num mundo semelhante a um barco onde embarcamos todo dia para uma viagem. [2] Nesse barco vão muitos passageiros, cada qual com seu destino, com sua obrigação a cumprir. [3] Hoje embarcamos novamente, eram onze passageiros, e eu o capitão. [4] Cada qual se colocou no local que julgou mais viável. [5] No comando da embarcação eu navegava tranquilamente com o leve sabor do dever cumprido. [6] Era um dia normal, tanto que os obstáculos não poderiam faltar.

[7] De repente um barulho estrondoso, prenunciava o inevitável: o barco iria afundar. [8] Com a calma de quem está há muitos anos na profissão, avisei aos pobres tripulantes o que estava acontecendo. [9] O rebuliço tomou conta do convés e o caos se tornou geral.

[10] Um pai com seu filho de oito anos nos braços implorava ajuda; pelo menos seu filho teria que se salvar. [11] Uma pobre velhinha já com seus setenta anos de idade, rezava, parecia se conformar e sentir-se aliviada com a sensação de dever cumprido. [12] O sacerdote pensava ser o início do fim do mundo, a prostituta inconformada, soluçava por todos os trabalhos daquela noite perdidos. [13] Já o político começou a desabafar contando assim toda sua vida de falsas ajudas e mau-companheirismo. [14] Quietamente num canto, apenas com olhar profundo, um paraplégico pensava, provavelmente, em todas as dificuldades que tivera. [15] Em outro canto, um professor, um cientista e um estudante debatiam suas teses, as quais viessem se salvar tornariam-se realidade. [16] E o último dos tripulantes um pobre operário, preocupava-se em procurar o estrago do navio.

[17] Tendo o barco salva vidas lugar somente para sete pessoas decidiria eu quem iria salvar. [18] Mandei então que entrasse o pai e seu pequeno filho que muito tinham para da vida aproveitar. [19] Mandei também a prostituta para que pudesse consertar seus erros. [20] O estudante, o cientista e o professor para fazerem o mundo evoluir. [21] E o humilde operário para suas construções terminar.

[22] Com grande aperto no coração partimos, remando devagar e vendo de longe o navio afundar, fizemos nossas preces e partimos rumo ao nosso destino

Redação 28308-8 – Capitão salva-vidas

[1] Certo dia, fui encarregado de conduzir uma excursão que tinha por objetivo visitar uma ilha praticamente desconhecida, situada no Oceano Atlântico. [2] Nessa viagem tive como passageiros 11 pessoas (dentre elas uma criança com o seu pai, um padre, um cientista, etc.)

[3] Partimos em um sábado. [4] A viagem estava maravilhosa até que recebi a notícia de uma forte tempestade, da qual não teríamos como escapar. [5] Então, tratei de comunicar aos meus passageiros que enfrentaríamos um temporal, para que, assim, eles pudessem se preparar.

[6]Foi um temporal rápido, o qual foi suficiente para abrir uma enorme rachadura no casco do barco, o que me levou a crer que este afundaria em questões de minutos.

[7]Diante dessa situação, corri até meus passageiros para encaminhá-los ao barco salva-vidas. [8]Porém ao chegar, deparei-me com um barco de capacidade para, somente, sete pessoas. [9]No entanto, eu tinha onze vidas para salvar, além da minha.

[10]Os passageiros ao virem o pequeno barco se desesperaram e, então, percebi que eu, o capitão, deveria tomar a decisão de quem iria usar o barco salva-vidas.

[11]Diante dessa difícil escolha, a qual deveria ser tomada o mais rápido possível, optei pelos seguintes: [12]A criança de 8 anos juntamente com o seu pai, o deficiente físico, o cientista, o estudante, o professor e a senhora de 70 anos.

[13]Confesso que ao escolher as pessoas não levei em conta se alguém teria mais direito de viver do que outro, exceto ao escolher o pai e a criança, pois o futuro desta depende, em grande parte, daquele. [14]Considereei que não deveriam utilizar o barco salva-vidas aqueles que tivessem maiores forças para sobreviver (o político, a prostituta, o operário e o sacerdote) e que mais poderiam auxiliar-me para que pudéssemos improvisar algo que nos salvasse.

[15]Por fim, acredito que fiz a escolha certa, pois estou vivo para contar essa história e, ainda, assegurei a vida daqueles que a mim foram confiadas.

Redação 45809-0 – Diário de Bordo

[01] O navio no qual estávamos tinha onze tripulantes. [02] Eu, capitã do navio, avistei uma grande tempestade que se aproximava.

[03] Nossa embarcação era de pequeno porte e não era muito resistente, tinha o casco de madeira e não era muito novo. [04] A preocupação tomou conta de todos.

[05] A tempestade chegou tão forte, que os primeiros ventos que sopraram derrubou a única e pesada vela que destruiu a proa. [06] Não conseguimos fazer os reparos e o navio estava prestes a afundar em alto-mar e nossa única esperança era o único bote salva-vidas, que cabia apenas sete pessoas.

[07] Como capitã do navio, tive que decidir quem iria se salvar. [08] Pensei muito em pouco tempo e logo decidi quem iria no bote.

[09] Havia uma criança de 8 anos e seu pai. [10] Decidi que os dois deveriam se salvar, a criança não tinha aproveitado quase nada da vida e algum dia seria o futuro de todos. [11] O pai para dar uma educação impecável. [12] Havia também um político, um sacerdote, uma prostituta, uma senhora de 70 anos, um professor, um parapléxico, um operário e um estudante.

[13] Escolhi o político para ter a chance de ser sincero, honesto e cuidadoso com seu povo. [14] Escolhi também o parapléxico e o operário, pois passaram suas vidas sendo desvalorizados, com isso, aprenderam a se valorizarem e se tornarem importantes para o mundo. [15] O professor escolhi para que ensinasse a todos o que é ser um ser humano. [16] Por último escolhi o cientista. [17] Entretanto, este entendeu que em todo aquele episódio Deus estava presente, decidi dar sua vaga para o sacerdote, que recusou entregando-a para o estudante. [18] Este por

respeito cedeu sua vaga para a senhora idosa, esta disse que viveu a vida intensamente. e que não viveria muito.. [19] Cedeu sua vaga para a prostituta, pois ela era jovem e tinha a chance de mudar a sua vida. e vivê-la dignamente..

[20] O Bote foi flutuando lentamente até o horizonte, sob a proteção e as orações de todos aqueles que ficaram no navio naufragando. [21] Inclusive eu, a capitã.

Este trabalho foi digitado conforme o
Modelo de Dissertação do Programa de Pós-graduação em Ciências da Linguagem
da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL
desenvolvido pelo Prof. Dr. Fábio José Rauen.